

869-M/1
5111 p

POESIAS

DE

REGISTRO SETORIAL

Seção Obras Raras

Nº. 1014

Data 06/03/74

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SA

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO POETA

ORMA
269.91.
F825
P. 1 p

POR SEU IRMÃO

FILIPPE FRANCO DE SÁ.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

—e—

SÃO LUIZ DO MARANHÃO.

1867.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ADVERTENCIA.

Constantes embaraços me haviam até agora impedido de realisar esta publicação, ha muito projectada. Hoje finalmente me é dada a satisfação de leval-a a effeito. Mas infelizmente, apezar da demora e dos meus esforços, não me foi possível conseguir que sahisse completa a collecção das poesias de meu chorado irmão.

Neste volume acham-se as principaes, as que eram mais conhecidas dos seus amigos, e de que elle mais apreço fazia, pois tivera o cuidado de copial-as em cadernos. Outras, porém, pela mór parte facetas, escrevia-as em folhas de papel que deixava soltas nas gavetas ou dispersas por mãos de amigos. Essas perderam-se quasi todas. Apenas tenho noticia das seguintes:—*A vida é um charuto*, *Ao cacete*, *Richelieu e Luiz 13*, um trecho vértido do *Childe Harold* de Byron, e varios episodios da vida de estudante.

Extraviou-se tambem uma traducção, em verso solto, da comedia de Molière intitulada—*Sgnarelle*.

E' possivel que existam algumas dessas composições em poder de um ou outro dos que foram collegas e amigos do poeta. Si assim é, confio que não deixarão de enviar-m'as, pelo que lhes ficarei summamente agradecido.

S. Luiz do Maranhão—Outubro de 1867.

FILIPPE FRANÇO DE SA'.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

NOTICIA BIOGRAPHICA.

Para a mór parte dos que no nosso paiz se occupam de litteratura já não é desconhecido o nome de Antonio Joaquim Franco de Sá. Algumas poesias suas, que correm impressas, de prompto mereceram o apreço dos mais competentes, e deram-lhe jus a um lugar distincto no nosso pantheon litterario, entre Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e outros brilhantes talentos prematuramente arrebatados ás lettras nacionaes.

De tempos a esta parte dir-se-hia que malefica estrella fada os poetas da nossa terra ! Esta prodiga e opulentissima natureza brota-os de seu seio fecundo, derrama-lhes n'alma suas galas e harmonias, seus esplendores e perfumes, promettendo-lhes glorioso e risonho futuro ! Mas, ai ! como que a humana argilla é demasiado fragil para resistir á expansão de taes espiritos ! Quantos desses inspirados cantores teem de subito emmudecido em meio de seus ardentes hymnos e amorosos gorgeios ! Quantas dessas aguias sublimes teem cahido fulminadas aos primeiros adejos em que provavam as azas novéis !

Tal foi o infausto destino do mancebo, de quem vou es-

crever a singela biographia. Poucas paginas ha de ella encher: o que pôde conter a vida de um poeta, morto aos vinte annos, mais que esperanças, illusões, devaneios de amor e anhelos de gloria? Resume-se toda n'este epitaphio que Alvares de Azevedo queria para si:

Foi poeta, sonhou e amou na vida.

Nasceu Antonio Joaquim Franco de Sá aos 16 de Julho de 1836, na pequena e pittoresca cidade de Alcantara, n'esta provincia do Maranhão, berço de Gonsalves Dias e Odo-rico Mendes. Foi o filho primogenito do Dr. Joaquim Franco de Sá, depois Senador do Imperio e Desembargador; e de D. Lucrecia Rosa da Costa Ferreira, filha do Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, mais tarde Barão do Pindaré.

Desde a mais tenra idade inspirou ao coração de seus pais legitimo orgulho e altas esperanças. Era por extremo vivo e travesso; mas em suas travessuras havia tanta graça, irradiava tanta intelligencia, que os mais severos sentiam-se desarmados e captivos.

Livres e pouco aproveitados lhe correram os primeiros annos, sendo seus estudos interrompidos pelas viagens a que a vida publica obrigava seu pai. Em uma d'ellas, do Rio de Janeiro para a provincia da Parahyba, da qual fôra seu pai nomeado presidente, adoeceu gravemente a bordo sua carinhosa mãe, e falleceu na cidade do Recife, aos 5 de Agosto de 1844.

Em Outubro de 1846 veiu o Dr. Joaquim Franco de Sá como presidente para o Maranhão. Foi então que começaram os primeiros estudos regulares de Antonio Joaquim * ,

* Era assim que mais geralmente lhe chamavamos na familia.

no collegio de N.^a S.^a dos Remedios, dirigido nessa epoca pelo Dr. Domingos Feliciano Marques Perdigão. Ahi distinguuiu-se menos pela applicação que pela vivacidade; mas, não obstante, iam rapidamente desabrochando suas ricas faculdades, e já apresentava um desenvolvimento não commum em tão verdes annos.

Partiu em Fevereiro de 1850 para o Rio de Janeiro onde já se achava seu pai, que, tendo sido eleito e escolhido Senador, alli fixou sua residencia. Embarcára o menino em companhia de um tio, o qual, padecendo de uma enfermidade já muito adiantada, falleceu em viagem, e foi sepultado na capital da Parahyba. As cartas em que o joven Antonio Joaquim participou a seus parentes esse triste successo, a todos impressionaram vivamente, e andaram de mão em mão como notaveis testemunhos de uma alma sensivel e de um talento esperançoso.

A precocidade de seu coração foi por elle proprio memorada na poesia que tem por titulo—*Criança*. Nessa idade já havia experimentado uma viva e innocente paixão, que deixou-lhe para sempre no peito seu suave perfume, e inspirou-lhe depois lindos versos, repassados de melancolia e saudade. *

No Rio de Janeiro continuou sua educação, a principio n'um pequeno collegio onde pouco proveito colheu, e depois no de Monsenhor Antonio Marinho. Este homem distincto, bem conhecido no nosso paiz pelo papel que representou na scena politica, soube logo apreciar a viçosa intelligencia do menino que lhe fôra confiado, e esmerou-se em estimulal-o com seus sabios conselhos e distinguil-o com particulares mostras de affeição. Datam d'esse tempo a aturada applicação e os grandes progres-

* V. N'UM ALBUM, pag. 13.

sos de Antonio Joaquim, que desde então já revelava muito gosto e propensão para a poesia.

Aos 10 de Novembro de 1851 roubou-lhe a morte seu extremoso pai. Este profundo golpe veio enlutar-lhe para sempre a alma até então alegre e descuidosa. Tornou-se d'ahi em diante melancolico e reflectido, buscando conforto no estudo, a que votou-se todo com ancioso fervor.

Um anno depois foi para Pernambuco, onde fez brilhantes exames das materias preparatorias, e matriculou-se, em 1853, no Curso Juridico. Não tardou seu talento a sobressahir, ao mesmo tempo que sua applicação, seu procedimento exemplar, sua modestia sincera, sua nobreza de character e amenidade de trato grangeavam-lhe a estima dos mestres e a affeição dos condiscipulos. Tanto pela physionomia como pelas maneiras desde a primeira vista inspirava sympathia. Era de pequena estatura, fórmas desenvolvidas e arredondadas, tez morena e pallida, cabellos castanhos, bastos e annelados, olhos vivos e brilhantes, feições graciosas, meigas e expressivas. Ornava-lhe os labios e a parte inferior do rosto um pouco de tenue pello, que depois tornou-se mais denso. *

Entregava-se com ardor e paixão ao estudo da philosophia, da historia, da litteratura patria e da estrangeira. Assim fecundada, em breve começou-se-lhe a expandir a viva imaginação em composições originaes e mimosas, que denunciavam muita facilidade e verdadeira inspiração. Mas d'essas primicias de sua musa mui poucas reliquias nos ficaram; d'entre as poesias que formam o presente volume sómente as duas primeiras são datadas d'esse anno. Não as dava á publicidade; só as lia aos seus intimos, e mostrava tel-as em pouco apreço, considerando-as modestamente imperfeitos ensaios. Mesmo depois, nunca publi-

* Infelizmente não deixou retrato algum.

cou nenhuma das suas poesias; colligia as que reputava melhores, para mais tarde, depois de bem limadas, imprimil-as reunidas n'um volume. As poucas que em sua vida appareceram nos periodicos, foram publicadas por seus amigos.

Findo seu primeiro anno academico, veio passar as feras com seus parentes no Maranhão. N'esta formosa terra, onde vira a luz e vivêra os felizes dias da infancia, vendo-se junto de uma idolatrada e extremosa irmãzinha, entre parentes e amigos que o estremeciam e festejavam-lhe o talento, recobrou a expansiva alegria e inquieta vivacidade de seus primeiros annos. Estava em continuada agitação, e buscava mil maneiras de entreter as pessoas que o rodeavam—dansas animadas, agradaveis passeios, jogos engraçados, e outros divertidos passatempos. Quando não se achava entregue a esses folguedos, deleitava a todos com sua conversação fecunda e variada, com interessantes leituras, ou com bellas poesias, de que tinha a memoria repleta e que recitava com muita expressão. Às vezes na doce intimidade da familia, ao lado de sua querida irmã e cercado de tias e primas, por horas esquecidas as divertia com lindos contos de sua phantasia, tão facilmente improvisados como narrados com graça e naturalidade. • Nas salas brilhava sempre por suas maneiras joviaes e amaveis, e por seu espirito gracioso e scintillante.

Mas no meio das alegrias vinha às vezes um pensamento sombrio anuviar-lhe a fronte, e abysmal-o em melancolicas abstracções. Dizia-lhe o coração que sua alma ardente e pura devia voar bem cedo da terra! Esse

* Talvez n'esses contos houvesse reminiscencias de leituras. Vivi quasi sempre ausente de meu irmão, e na epoca de sua morte era eu ainda menino; mas escrevo por informações de pessoas fidedignas que intimamente o trataram.

presentimento do seu fim prematuro não era vão sentimentalismo ou pueril desejo de imitação; era uma sincera e dolorosa convicção, que elle só desafogava nas intimas confidencias da amizade e nas solitarias expansões da musa. A poesia—*Desejo*—exprime com tocante singeleza esse profundo, mas sereno desanimo, que tambem em diversas outras se manifesta. Si procuravam dissipar-lhe essa funesta idéa, respondia com triste sorriso: o coração preságo nunca mente! Mas, sem duvida para abafal-a, e para não affligir seus parentes e amigos, mostrava-se pouco depois mais risonho e jovial que nunca.

Esforçava-se por deixar de si bem viva lembrança na memoria de todos, e por toda parte algum vestigio da sua passagem. Ora dava a um sitio aprazivel um nome expressivo e poetico; ora gravava aqui o seu proprio nome alli um dito feliz, um bonito verso, um nobre pensamento.

Mostrou uma noite a sua irmã um grupo de estrellas insistiu para que as observasse bem, e disse-lhe depois: «Sempre que contemplores aquellas estrellas, lembra-te de mim!»

Em Pernambuco, para onde voltou a continuar seus estudos, foi à melancolia progressivamente o dominando. Vivia retrahido, e engolfado no estudo e na meditação: cada dia mais opulentando o seu já avultado cabedal de conhecimentos historicos e litterarios, que pasmava a todos os homens instruidos que o conversavam e de que todavia nunca fez alarde. Eram-lhe familiares todos os poetas da nossa lingua, e os principaes da litteratura estrangeira; e afim de ler estes ultimos no original, applicava-se aos idiomas em que escreveram. Aprendeu em poucos mezes o italiano, aperfeiçoou-se no inglez, e já entendia o allemão. Para enriquecer sua intelligencia não esmorecia ante nenhum labor. Deu-se com tenacidade ao estudo e exercicio da mnemonica; e por esse meio sua memoria

já naturalmente felicissima, tornou-se prodigiosa. Perguntou-lhe uma vez um amigo si era capaz de repetir de prompto um soneto que nunca houvesse lido e que pela primeira vez lhe fosse recitado. «Experimentemos» respondeu elle; e, ouvido o soneto, o reproduziu fielmente.

Entre as fadigas do estudo vinha a miudo bafejal-o a musa, sobretudo nos ultimos tempos, depois que de Olanda se transferira a Faculdade de Direito para o Recife. Nesta cidade achára o que desde muito anhelava—um amor exaltado e puro, como o sonhava sua imaginação de poeta e o queria seu coração de mancebo.

N'essa epoca reinava entre nós o gosto da escola sceptica e sensualista, propagado pelas admiraveis poesias de Alvares de Azevedo, então recentemente publicadas. Audaz incredulidade, misanthropia altiva, pungente ironia, ostentação do vicio e até de imaginarios crimes, realçado tudo isso por sombria tristeza e dourado pelos esplendores de ardente poesia, era o que geralmente fascinava as imaginações juvenis. Andava em moda affectar saciedade de gozo, tedio da vida, mysteriosos remorsos, amargos dissabores; soltar paradoxos blasphemos, satanicas gargalhadas, gritos de desespero e scepticismo. Desse funesto contagio soube preservar-se Antonio Joaquim. Lia e admirava muito a brilhante poesia de Byron e Musset; porém mais amava a de Victor Hugo e Lamartine, a santa poesia das nobres paixões, o sublime culto do ideal, do entusiasmo, dos sentimentos grandes e puros. Respiram seus versos vivas crenças, e aquelles em que transbordou seu desalento só nos deixam n'alma suave melancolia, sem mescela de amargura. Suas composições facetas são todas innocentes gracejos, escriptos com muito espirito, bom humor e facilidade.

Si alguma vez se desviava da limpida atmosphaera em

que vivia, depressa estremecia envergonhado, exclamando com profunda emoção:

Si esqueci o canto puro
 Por um momento veloz,
 De novo agora o procuro,
 E arrependido murmuro
 «Perdão!» com tremula voz.

Esse delirio se acalma,
 E, rompendo o espesso véu,
 Ferve de novo em minha alma
 O desejo d'essa palma
 Que só floresce no céu.

Meu Deus! meu Deus! não dês pena
 De minha alma á embriaguez!
 Vê que já brilha serena,
 E chora, qual Magdalena,
 Vertendo aroma a teus pés.

De tua gloria aos fulgores,
 Eu bato as azas azues;
 Vou onde vicejam flores,
 Onde se vive de amores,
 Onde se vive de luz!

Ao lêr esses versos não dir-se-hia que na prophetic
 imaginação já se via o poeta abrindo as azas para a patri
 celeste? Ah! não era uma illusão da mente exaltada. E
 tava proximo o termo de sua peregrinação terrestre!

Concluira o seu terceiro anno; e por amor do estudo
 deixara ficar em Pernambuco, onde já havia passado
 ferias do anno precedente. No dia 1º de janeiro de 1855

ao voltar de um baile a que fôra, por instancias de amigos, estando já adoentado, sentiu-se accommettido de violenta febre. Salteou-o para logo o fatal presentimento. Sobremaneira impressionado, despertou um joven irmão que tinha em sua companhia, e abraçou-o com effusão, mal podendo refrear as lagrimas. Não o deixou mais a convicção de que succumbiria a essa molestia, e revelava-se nos delirios que causava-lhe a febre. Em um delles pediu a seu irmão que escrevesse o que lhe ia dictar e com voz commovida recitou estes versos:

Si tu vieres, bella compassiva,
 Como dos troncos velhos o renovo
 Minha alma, ao morrer, talvez reviva,
 Para te amar e te adorar de novo.

Vem, corre para aqui n'este momento,
 Esquecendo teus pais e o teu Eugenio!
 Eu já colhi as palmas do talento,
 Comtigo colherei c'rôas do genio!

Vendo que o irmão não podera reprimir o pranto, apertou-o nos braços, misturando com as delle as suas lagrimas.

Uma familia amiga generosamente o recolheu em seu seio, e prodigalisou-lhe os mais extremos desvelos. • Tratou-o com affectuosa dedicação um medico experiente e distincto •, que por elle tinha viva sympathia e muito admirava seu talento. Porém foi tudo baldado; zombou a molestia de todos os esforços da sciencia e da amizade.

* Essa digna familia, a quem devo eterna gratidão, é a do Sr. major Florencio José Carneiro Monteiro, hoje já fallecido.

* O Sr. Dr. José Joaquim de Moraes Sarmiento.

Na noite de 26 mostrou-se mais abatido e desanimado, e por vezes o ouviram murmurar: «Que noite! que triste noite!» A uma hora adormeceu placidamente no sono eterno.

Escrevendo a presente noticia, cumpri um dever a mesmo tempo grato e penoso. Força me foi vencer dolorosas emoções para pagar este fraco tributo á memoria de um irmão querido. Quanto a suas poesias, não me cabe analysal-as; entrego-as ao publico, e tenho plena confiança que elle fará justiça ao desventurado poeta o qual sem duvida viria a ser uma das mais brilhantes glorias da nossa patria e da nossa lingua, si tão cedo não ceifara a morte na esplendida florescencia do genio.

S. Luiz do Maranhão, outubro de 1867.

FILIPPE FRANCO DE SÁ.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

PRIMEIRA PARTE.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SONHOS.

Eu tambem sou poeta. Em minha mente
Sinto idéas brilhantes, mas confusas.
Tenho no peito aspirações, desejos,
Que não sei definir. Eu sinto effluvios
De amor e de poesia, que me elevam
Aos espaços aereos. Mas não posso
Inda dar expansão aos meus delirios;
Não posso inda tomar o vôo altivo,
Que a mente sonha e que meu peito almeja.
Sinto que pensamentos se accumulam,
Se cruzam, se combatem; desta luta
Tirando nova força, a frente sinto
Arder-me ás vezes, como que querendo
De si lançar idéas já maduras,
Metaes já preparados, já fundidos,
Que só esperam moldes p'ra que tomem
Fórmias que a mente lhes quizer prestar;

Materias odoríferas que aguardam
 O fogo que, tirando-lhes a essencia,
 Subir as faça puras e balsamicas
 Aos pés do Creador. Enche-me est'alma
 Amor, amor immenso, amor que abrange
 A patria—os céus—a humanidade—a Deus.
 Tenho no peito meu ricos thesouros
 De ternura e paixão vasta e sem termo,
 Que guardo p'ra depôr. aos pés da virgem,
 Da virgem que meus olhos nunca viram,
 Mas que presinto a vaguear sósinha,
 Procurando-me a mim, como a procuro.
 Oh ! sim, tudo isso tenho, e mais ainda
 Que não posso explicar, porem que sinto
 A borbulhar-me em germen na cabeça,
 Tremulas sombras, que indistinctas vagam,
 E que um dia talvez, tomando fórmas,
 Saiam da mente a percorrer o mundo.

.

Olinda—8 de Outubro de 1853.

No seio do Ente que a existencia deu-lhe,
Ampla consolação.

E a mãe que vaga delirante em prantos,
Chamando o filho que a não pôde ouvir,
Nos céus inda ha de reunir-se a elle
Um dia no porvir.

E o pai que chóra amargurado o filho,
O amigo fido, a virgem que o amar,
Tambem hão de nos céus, si o merecerem,
Com elle se ajuntar.

Mas a patria, Senhor, que vê murchada
A flor ha pouco bella, ora sem côr,
Ha de em quanto existir, saudosa e triste,
Chorar a linda flor.*

Olinda—8 de Outubro de 1853.

* Esta poesia e a precedente foram escriptas depois de uma leitura de Alvares de Azevedo.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CRIANÇA.

(Fragmento.)

J'étais un faible enfant qu'elle était grande et belle.

ANDRÉ CHÉNIER.

Poor and sensible child !

SHAKSPEARE.—THE TEMPEST

I.

Nascia a lua; á janella
Sósinho pensava n'ella,
Que julguei dansasse alem,
Quando uma voz terna e pura,
Tremendo um pouco murmura
A meus ouvidos: «Que tem?»

Eu voltei-me: e comprimindo
 A dôr no peito, sorrindo,
 —«Nada tenho» respondi.
 —«Mas então porque descóras?»
 Replicou-me «Porque chóras?»
 «Sim, porque chóras? eu vi!»

Eu não lhe disse palavra,
 Que o fogo que dentro lavra
 No peito m'as suffocou;
 Porem si o labio foi mudo,
 Os olhos diziam tudo....
 Tudo que o labio calou!

Mas seu olhar compassivo
 Nesse fogo ardente e vivo
 De meus olhos—nada leu!
 Qual si mãi ella me fosse,
 Serena p'ra mim chegou-se,
 E encostou-me ao peito seu.

Então, morrendo de gozo
 Sobre esse collo afanoso
 De lasciva tepidez,
 Dos olhos fugiu-me o lume,
 Perdi-me d'esse perfume
 Na gostosa embriaguez.

Como é triste morrer na flor da vida,
Quando se tem um peito de poeta,
Quando o futuro vê-se cheio de flores,
E alem brilhante méta !

Quando da mente se conhece a força,
Quando palpita o coração de amor,
Quando tudo é risonho, tudo diz-nos:
A vida não é dôr.

Quando idólatra mãe, toda ternura,
Quando extremoso pai, inda se tem,
Quando do mundo, que se julga bello,
Não soffreu-se o desdem;

Quando se fantasia'altos destinos
Para a patria que se ama com paixão,
Quando ao nome celeste—liberdade—
Nos pulsa o coração;

Quando á frente nos queima o pensamento,
 Quando se sente n'ella um não sei quê
 Que gloria nos promete no futuro,
 Como a André Chénier.

Quando tudo é assim, oh! como é triste,
 Como é triste tão cedo se morrer!
 Deixar os pais em pranto, a patria, o amigo,
 Que nos mandam viver!

Deixar tudo que o mundo tem de bello,
 Virtude—gloria—mocidade—amor—
 E os pais, coitados! que perdendo o filho,
 Estallarão de dôr!

Meu Deus! oh! quão terriveis são ás vezes,
 Quão insondaveis os decretos teus!
 Não serei eu porem—vil creatura—
 Que accusarei meu Deus.

Oh! não, não, porque aquelle que abandona
 Immaculado a vida ao signal seu,
 O poeta que joven, puro e crente,
 Para elle correu,

Deve encontrar lá onde tudo é gozo,
 Felicidade—amor—e adoração—

Minha alma, despindo a luto,
Colheu n'aquelle minuto
De seus delirios a flor;
E sobre o collo da virgem
Bebeu n'aquella vertigem
Toda a volupia do amor !

Oh ! esse arroubo sem nome
Tambem a vida consome,
Tambem a morte produz:
Tambem, si o oleo é sobejo,
Desfere um forte lampejo,
Vacilla, apaga-se a luz !

Mas que encanto na agonia !
Mas na morte que magia !
Quizera morrer assim
Mil vezes trocára a vida
Por essa morte sorvida
No collo de um seraphim !

Ella, porem, muda, calma,
O delirio de minh'alma
Julgou dôres infantis;
E não sentiu que seu peito
Era de chammas um leito,
Em que eu morria feliz !

Oh ! não sentiu ! mesmo quando
No coração rebentando
Me corria o vendaval,
Apenas tepida brisa
Foi turvar a face lisa
D'esse lago de cristal !

A perfumada mãosinha
Passando na frente minha,
Que a febre fazia arder,
Murmurou: «Pobre criança !
«Porque assim foges a dança ?
«Porque evitas o prazer ?»

Despertei ! um vento frio
Varrera-me o desvario
Tão lindo como fugaz !
O coração, que tormento !
Estalava-me sangrento
Sob gelida tenaz !

Oh ! meu Deus ! depois do sonho
Tão encantado e risonho
Que pesadelo cruel !
Foi o gelo após a lava,
Após licor que enlevava,
Um longo trago de fel !

Da voz tremula no afago
 Vira brilhar menos vago
 Um raio de esp'rança vã !
 E não pensára, que louco !
 Que, si a voz tremera um pouco,
 Era das valsas o afan !

Esse afan das loucas valsas,
 Em que as palavras mais falsas
 Ao peito vôam melhor,
 Quando a voz treme e fallece,
 O olhar turvo se humedece,
 E á fronte banha o suor !

Tocara a orchestra; e nem vira
 Que a donzella me fugira,
 Talvez, quem sabe ? a sorrir !
 Ligeira, viva, não cansa,
 De novo gira na dança,
 Descuidosa do porvir !

E eu vergára sob o peso
 Do compassivo desprezo,
 Mais duro que injuria atroz !
 O olhar secco, a lingua muda,
 Que para dôr tão aguda
 Não ha lagrima nem voz !

Muito depois tão sómente
 Foi que da palpebra ardente
 Uma lagrima cahiu,
 E do peito entumecido
 Um suffocado gemido
 Co'a brisa se confundiu.

E murmurei: «Oh ! me estima
 «Como á criança que amima
 «Na presença de seus pais !
 —«Pobre criança !—bem disse;
 «Sim ! pois quiz Deus que sentisse
 «Do que os homens inda mais !»

.

E a brisa, beijando as flores,
 De mil suaves odores
 Vinha os ares perfumar !
 E as estrellas em desmaios,
 Desferindo frouxos raios,
 Se banhavam no luar !

II. *

.

* Não compoz a segunda parte.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

N'UM ALBUM.

Elle était belle,

Oh! belle comme vous!

L. XI.

Senhora: meiga e risonha
Ordenais-me que deponha
N'este vaso alguma flor;
Mas em vaso de tal preço,
Com vergonha o reconheço,
Não sei que flores depôr.

Juramentos? tendes tantos!
Nem vos faltam meigos cantos
Em troco de um meigo olhar;
E demais, franco e sincero,
Aqui mentir-vos não quero,
Dizendo que posso amar.

Porém qu'importa um de menos?
Um só dos vossos acenos
Que de captivos produz!
Que alta fronte se não curva,
Que olhar puro se não turva,
Dos vossos olhos á luz?

Tendes o philtro de Helena,
Que bebido nos condemna
A delirar de paixão;
Porém contra a beberagem
Tenho uma limpida imagem,
Que me guarda coração.

Essa imagem que o reveste
É de florinha celeste,
É de filha do Senhor,
Que desparziu-me na infancia
De seu calix a fragrancia,
De seu peito o puro amor.

Eu adorei-a, Senhora,
Como innocente se adora
Da existencia no arrebol;
Mais do que ás flores a abelha,
Mais que a flor branca ou vermelha.
Depois das chuvas, ao sol;

Como se ama, quando aos mimos,
 Aos beijos de mãe, sentimos
 A vista se humedecer;
 Quando a fronte diz—candura—
 E—amor—o peito murmura,
 Sem que o labio ouse o dizer;

Quando a terra é paraíso,
 Onde tudo é flor e riso,
 Do prisma por entre o véu;
 Quando a vida é luz e festa,
 Porque a tudo a mente presta
 As lindas côres do céu;

Quando nossa alma deserta
 Cantando e rindo desperta,
 Ao sopro de sua irmã;
 Lyra eolia, cuja corda
 Em sons ethereos acorda
 Aos suspiros da manhã.

Tão aerea, tão mimosa,
 Que nascida n'uma rosa
 Uma sylphide a suppuz,
 De que uma fada malina
 Fizera linda menina,
 Cortando as azas de luz.

Dei-lhe tudo quanto tinha,
Meu amor, a vida minha,
E minha alma, assim que a vi;
E desde aquelle momento,
Respirando seu alento,
De sua vida vivi.

Amei-a! todo o perfume,
Que uma alma virgem resume,
Em seu peito derramei!
Tu, que ouvias minhas preces,
Tu, que esse amor só mereces,
Meu Deus! tu sabes si amei!

De minha alma nos espelhos,
Quando orava, de joelhos,
Minha oração virginal,
Viste esse nome tão doce
Luzindo, como si fosse
Esmaltado no cristal.

Ausente, na voz da aragem,
Que gemia na folhagem,
Lhe escutava a meiga voz.
E um canto magico, aereo.
No silencio, com mysterio,
Fallar de amor e de nós.

Na fórma vaga dos montes,
 Nas flores, no ar, nas fontes,
 Na vigília, no sonhar
 Ella sempre—sempre ella!
 Qual si um anjo em pura téla
 M'a estivesse a desenhar.

E quando vinha, sorrindo,
 Qual dos anjos o mais lindo,
 Estender-me a linda mão,
 Eu tinha n'alma—ventura,
 Tinha nos labios—doçura,
 Perfumes no coração.

E vivi de amor e gozo,
 Sentindo o sopro mimoso
 Das azas do seraphim;
 Depois vivi de esperanças,
 Hoje vivo de lembranças
 E de saudades sem fim!

Da vida na madrugada
 Foi uma nuvem dourada,
 Brincando no céu azul,
 Que reflectiu-se n'um lago,
 E das brisas pelo afago
 Foi levada para o sul.

Foi um lyrio, que continha
 Nas folhas, que abrindo vinha,
 O perfume do jasmim;
 Não respirei-o, perdi-o,
 Pela corrente do rio *,
 Deslisou, fugiu de mim!

Porém, senhora, qu'importa?
 É mais um sonho que aborta,
 Mais uma flor que se vai,
 Mais um hymno que se cala,
 Mais uma corda que estala,
 Mais uma luz que se esvae!

Mas eu me lembro, Senhora,
 D'essa nuvem, que n'aurora
 Brincava no céu de anil,
 Ainda sinto o perfume
 D'esse lyrio, que resume
 Tanta ventura infantil.

Comtudo... si alguma imagem,
 Si do passado uma aragem
 Tremer-vos o peito vem,
 Si respirais a fragancia

* A menina, a que se refere o poeta, partira do Maranhão para de Janeiro.

De flor querida na infancia,
Oh! si lembrais-vos tambem!

Confessai-m'o! que tremendo
Irei dizer-vos: «Entendo
«Essa magoa que te dóe,
«Pois minha alma tambem soffre,
«No peito, como n'um cofre,
«Tenho uma dor que me rõe.

«Vem! a fronte em mim reclina,
«Une á minha a tua sina,
«Unamos a nossa dôr,
«Verte as lagrimas occultas,
«Que perfumadas sepultas
«Em teu calice de flor!»

Mas... oh! não! jamais tivemos,
Ter um dia não devemos
Na existencia laço algum,
Sigamos nosso fadario,
Vós na festa—eu solitario,
Nada temos de commum!

Sonhai com novos amores,
Com venturas e com flores,
Que despontam no porvir;

Fazei da vida uma valsa,
Pensai. dansando descalça,
Que se não póde cahir !

Eu, na vida peregrino,
Cumprirei com meu destino,
Derramando o pranto meu
Por mim, que a magoa devora,
Por vossa vida, Senhora,
E por ella . . . que morreu !

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

RECORDAÇÃO.

Que saudade, ai amor, que saudade!

GARRET.

Era noite, e que noite tão bella!
E na brisa que doce fragrancia!
E, contigo sentado á janella,
Eu ouvia teus contos da infancia.

Me contavas de quando menina
Teus brinquedos, teus caros recreios
E teus sonhos de origem divina,
Teus enfados, teus breves receios.

E eu vivia contigo o passado,
E brincava teus meigos brinquedos,
E a menina escutando, arroubado,
Eu da virgem previa os segredos.

De tens labios eu era pendente,
E sondando-te o peito tão puro,
Confundindo contigo o presente,
Confundir eu quizera o futuro.

E no vento que brando queixume!
E nos céus que suave poesia!
E nos ares que ethereo perfume!
E nos olhos que santa alegria!

Oh! que noite tão bella! de certo
Que foi esse um momento de gozo;
Da existencia por entre o deserto
Oásis fresco, fagueiro e formoso;

Da borrasca por entre os furores,
Breve instante de riso e bonança;
E perdida n'um pégo de dôres
Ilha amena em que o peito descança.

Mas a noite tão bella passou-se,
E saudades me restam sómente;
Qual si ainda ante os olhos me fosse,
Tenho-a toda gravada na mente!

Inda vejo esses mesmos lugares,
Tão silentes, tranquillos, singelos;

nto a brisa que passa nos ares,
que vem te brincar nos cabellos.

no céu tão sereno a luzirem
as formosas estrellas diviso;
contemplo teus labios sorrirem
o innocencia ineffavel sorriso!

ada vejo essa noite tão bella,
ada sinto da brisa a fragrancia,
e, contigo sentado à janella,
ada escuto teus contos da infancia!

Olinda -- Abril -- 1854.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

DEZ MINUTOS.

E ditto l'ho perchè doler ten debbia.

DANTE—INFERNO.

Une angoisse effroyable me tenaillait
le cœur; chaque minute qui s'écoulait
me semblait une seconde et un siècle.

THÉOPH. GAUTIER.

Foram poucos--tu disseste—
Os instantes que fizeste
Meu coração padecer;
Sim—disseste-o—foram poucos . . .
Mas de tormentos tão loucos,
Que mais—seria morrer!

Dez minutos, sim—foi isso—
Mas que roubaram-me o vício
Da vida, si duram mais;
Oh! que dôr! cada minuto

Lançou-me no peito o luto,
Causou-me angustias mortaes.

E como não, si te via
Uma expressão secca e fria,
Qual nunca te vira assim?
Si te via tão sisuda,
A meus accentos tão muda,
Nem si quer olhar p'ra mim?

Si via triste, anhelante,
Chegar o fatal instante,
Em que havia de partir?
Si tinha no peito o inferno,
Pensando talvez eterno
O teu presente sentir?

Oh! nesses poucos momentos
Que de dôres e tormentos
Que no meu peito soffri!
Tinha a voz enfraquecida...
Tão perto da despedida
Assim tratado por ti!

E mão pesada de gelo,
Bem como n'um pesadelo,
Me quebrava o coração;

E tu, pallida, insensível,
Ficavas muda, impassível,
Sem conceder-me o perdão !

E quando um gesto, um sorriso
Era sómente preciso
P'ra dar-me vida, meu Deus !
E p'ra trocar-me a agonia
Na mais celeste alegria,
Um olhar, um só dos seus;

Seus olhos nada diziam !
Seus labios não se moviam,
Para aplacar minha dôr !
Como ardia a fronte minha !
Nos labios vozes não tinha,
Nas faces não tinha côr.

Que frieza e indiferença !
Pois tamanha era essa offensa,
Que descuidado te fiz ?
E merecia o meu crime
O anciar que não se exprime,
E essa dôr que se não diz ?

Mas não sabias de certo
Que a teu lado, alli tão perto,

Calado morria alguém;
 Não sabias que de dôres,
 Que de occultos amargores
 Esses minutos contêm !

Foram poucos. . . muito embora,
 Si cada instante devora
 Com dôr pungente e cruel;
 E apenas basta um momento
 P'ra á vida fugir o alento,
 E o peito nadar no fel !

Foram poucos; mas qu'importa ?
 O ferro que a vida corta
 Mais veloz mil vezes cáe;
 Mas n'esse instante quem sabe
 Que de tortura não cabe,
 Que de tormento não vai !

Mas agora que te digo
 Que foi sobejo o castigo
 Que infligiste ao peito meu,
 De certo, linda morena,
 Reflectindo, terás pena
 De quem tanto padeceu.

Que foram poucos instantes

Ó donzella, como d'antes,
Não me dirás outra vez;
Pensarás mesmo: «Coitado !
«Tormentos de condemnado
«Não merecia o que fez.»

E fazes bem si o pensares,
Que soffri ancias sem pares,
Que nem t'as posso dizer,
N'esses minutos tão poucos,
Mas de tormentos tão loucos,
Que mais—seria morrer !

Olinda—Abril—1854.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

... —Bella

Come um angiol, che Dio crea nel più ardente
Suo trasporto d'amor.....

SILVIO PELLICO—FRANCESCA DA RIMINI.

Eu a vi qual celeste creatura,
Que da etherea mansão rompera os véus,
Na mãosinha sustendo a face pura,
Bella e serena a contemplar os céus !

Seu olhar transparente era divino,
A outra mão no peito tinha posto;
Seu cabello castanho, basto e fino,
Cahia em ondas, moldurando o rosto.

Seu rosto, destacando-se formoso
D'entre as rosas purpureas e os jasmims,
Tinha um caracter doce e vaporoso,
Que fazia pensar nos seraphins.

Seus bellos olhos, era enlevo o vel-os
 Tão puros a exprimir o sentimento !
 Nos formosos anneis de seus cabellos
 Embalsamado lhe brincava o vento.

Era linda, meu Deus ! extase santo
 Parecia a donzella desfructar;
 Fiquei olhando-a quanto tempo, quanto !
 Comprimindo no peito o respirar.

E eu dizia: «Senhor, si isto é um sonho,
 «De um ente que lá tens sombra mentida,
 «Oh ! não me desperteis ! é tão risonho !
 «Oh ! dai-me esta illusão p'ra toda a vida !»

Que momentos, meu Deus, quanta magia
 N'essa hora a contemplal-a assim tão bella.
 Ella pensava em ti, os anjos via,
 Eu immovel sómente via a ella !

A lua de uma nuvem pelo seio
 Tinha ido de todo se entranhar,
 Avancei de vagar, buscando um meio
 De vel-a, sem tirar-lhe o meditar.

N'esse momento a nuvem descortina
 Da lua a face linda, e uma rajada,

Arrancando uma rosa purpurina,
Arremesson-lh'a ao rosto desfolhada.

Então como de um sonho si acordasse,
Que avistara dourado no porvir,
As mãos levando a uma e outra face,
Nos labios lhe pairou leve sorrir.

Seu olhar, em que um raio de luz brilha,
Fitando o céu de novo, se reveste
De saudosa expressão, como se a trilha
Perdera de visão pura e celeste !

E voltando depois o rosto lindo
De repente . . . , não sei si ella me viu,
Pois a lua, de novo se sumindo,
Que me visse talvez não consentiu.

Maranhão — Fevereiro — 1854.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Minha virgem de amor, n'este momento
Que fazes tu, quando padeço aqui ?
Acaso vòa a mim teu pensamento,
Como vòa minh'alma para ti ?

Acaso vagas, apanhando flores,
A quem confias os suspiros teus ?
Da nuvemzinha admirando as côres,
Sósinha elevas orações a Deus ?

Si apanhares a flor, que rindo assoma,
Pensa, virgem, comtigo—és minha flor !
A flor verte no ar seu grato aroma,
Tu vertes em minh'alma o teu amor.

Si vires nuvem branca pelos ares
Pensa que meu amor é puro assim;
Si, as mãozinhas unindo, a Deus órares,
Não te esqueças tambem de orar por mim.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A ROSA E O SOL.

(Doña Valaquia)

A aurora no céu já raia.
Uma princeza gentil
Vai banhar-se em lisa praia,
Nas ondas de prata e anil.

Dos lindos membros a alvura
Lhe reluz por entre o véu,
E rutila na agua pura,
Qual uma estrella no céu.

E da vaga adamantina
Mergulhada no cristal,
Se veste da luz divina
Que vem do sol matinal.

Pára o sol em seu caminho,
Enamorado de a ver,
Cobre-a de luz e carinho,
Esquecendo o seu dever.

Trez vezes tenta no mundo
Pôr a noite o seu lençol,
E n'esse enlevo profundo
Trez vezes encontra o sol.

E o sol a bella princeza,
Que de amores o rendeu,
Conservando-lhe a belleza,
N'uma rosa a converteu.

É por isso que hoje a rosa
De seus olhos ao fulgor,
Inclina a fronte mimosa,
E se tinge de rubor.

Recife—26 de Abril de 1855.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A FILHA DO LOUREIRO.

(Doña Valaquia.)

AO MEU AMIGO A. J. DE ALCOVIA.

«Abre teus ramos, loureiro,
«Abre-os, deixa-me sahir;
«É a hora em que as estrellas
«Se vão n'agua reflectir.»

Assim fallava uma joven
Do loureiro no int'rior;
Abriu-se; e corre a menina,
Dansando no valle em flor.

Do sol a pallida esposa
Por entre nuvens reluz;

Nos olhos da joven nympha
Das estrellas brilha a luz.

E aerea vôa no valle,
Bem como as brisas subtis,
E seus cabellos fluctuam
Pelas espadoas gentis.

Eis que um formoso estrangeiro
Estas fallas lhe fallou:

«São mais lindos teus cabellos
«Que o lirio que o sol dourou.

«São lindos, mas seu encanto
«Hei de o sempre mal dizer,
«Pois que vieram cuidados
«Á minha vida trazer.»

A face da linda joven
De viva côr se tingiu,
Qual sangue d'ave ferida
Que sobre a neve cahiu.

Em seus braços quiz prendel-a,
Mas das sombras através
Foge-lhe a nympha, dirieis
Que possui azas nos pés.

Foge, detem-se... e parece
 Que a seguil-a o excita assim,
 Si elle vem, foge... se perdem
 Na florea veiga por fim.

«A lua dorme entre nuvens,
 «Ó virgem, dorme tambem,
 «Acalmar tenta os suspiros
 «Que do peito aos labios vem.»

Assim fallava; em seus braços
 A donzella adormeceu,
 Pedindo a Deus lhe guardasse
 Para sempre o amante seu.

Adormeceu,... e acordando
 A triste procura em vão
 Aquelle que tão de pressa
 Lhe prendêra o coração.

Chama, pergunta por elle
 Às estrellinhas, á flor,
 Ao ribeirinho do bosque,
 E das selvas ao cantor.

Não lhe respondem;... chorando
 Murmura a virgem louçã:

«Abre teus ramos, loureiro,
«No céu já raia a manhã.

«Si aqui fico por mais tempo,
«Bem sabes, por negra lei
«Em gotas de puro orvalho
«Ai! triste, me desfarei.»

«Vai-te, disse-lhe o loureiro,
«A grinalda virginal
«Em tua fronte murchou-se,
«Pobre nympha, por teu mal!

«Teu lugar entre meus ramos
«Perdeste por uma vez.»
Surge o sol, e em puro orvalho
A menina se desfez.

Recife—5 de Abril de 1855.

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

MELANCOLIA.

(Thorarenzen.)

Conheço uma virgem, é virgem do norte,
De pallida fronte, de imagem fagueira,
Compraz-se, de noite, nos campos da morte,
E perde nos bosques, e vaga sonhando
Dos mares á beira.

No tempo festivo da flor e do canto
Laminha pensando co'a fronte abatida,
Mas é tão suave, tão cheia de encanto,
Que seguem-lhe os passos, bem como si fossem
De noiva querida.

Por ella encantado, segui-a constante,
A beira dos mares, por entre as florestas;

Desde esse momento, siquer um instante
De mim tem fugido, na calma dos prados,
Do mundo nas festas.

Si paz tu desejas, ah! foge-lhe esquivo;
Seu nome não sabes? é—melancolia—;
E quem lhe gozasse do olhar pensativo,
Do beijo de amores, depois esquecel-a
Jamais poderia.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

MORTE DOS GIRONDINOS.

(Fragmento)

Um povo inteiro se agrupava immenso
À negra porta da prisão fatal,
E espera ancioso, cada vez mais denso,
Sedento, infrene, respirando o mal.

Abre-se a porta da cadeia escura,
Calam-se todos, e rompendo a onda
De um povo-tigre, que inda ahí murmura,
Mostram-se os membros da infeliz Gironda.

As mãos atadas—essas mãos que ha pouco
Batiam fortes na feliz tribuna—
Se avançam firmes para o povo louco,
Que applaude aos golpes da cruel fortuna.

Genio sublime, que no entusiasmo
Saudava a morte, ... por despedida,
No meio de um povo delirante e pasmo,
Cantava um hymno, abandonando a vida.

.....

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ARREPENDIMENTO.

A meu amigo Joaquim da Costa Barradas.

Oh ! si depois da procella,
Essa estrella, que perdi,
De novo a mim se revella,
De novo surge mais bella
Amigo ! só devo-o a ti !

Deixava o céu pela treva,
Como perdida Eloá,
Mas tua voz, que me eleva,
Faz com que inda me atreva
A cantar hymnos de lá.

Si esqueci o canto puro
Por um momento veloz,

De novo agora o procuro,
E arrependido murmuro:
«Perdão!» com tremula voz.

Esse delirio se acalma,
E, rompendo o espesso véu,
Ferve de novo em minh'alma
O desejo d'essa palma,
Que só floresce no céu!

Meu Deus! meu Deus! não dês per
De minh'alma á embriaguez!
Vê que já brilha serena
E chora, qual Magdalena,
Vertendo aroma a teus pés.

De tua gloria os fulgores,
Eu bato as azas azues;
Vou onde vicejam flores,
Onde se vive de amores,
Onde se vive de luz!

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

No Album do meu amigo Pedro de Calasans.

No rio, que o sol aclara,
O caboclo do Brasil
Deslisa na leve ygara,
Rasgando as ondas de anil.

Em quanto a brisa suspira
Na folhagem dos mangaes,
D'onde a garça a frente mira
Nos espelhos de cristaes:

Da corrente no remanso,
Verde a terra, o céu azul,
Vai fugindo, como o ganso,
Que á margem nada taful.

Mas que o vento o rio açoite,
E co'as ramas varra o chão,
Que se torne o dia—noite,
Bem como a onda—cachão;

Que em lugar de campos ledos,
Ou frondoso palmeiral,
Sómente veja rochedos,
Por entre sombra fatal;

Eis, fazendo esforço extremo,
Das vagas rompe através,
Sentindo às vezes o remo
No dente dos jacarés.

E receia se espatife
A leve ygara, em que vai,
Sobre as pontas do arrecife
Que das aguas sobresaie.

Por isso, de vez em quando,
Sustendo o braço veloz,
Um grito solta, escutando
Si responde-lhe uma voz.

Oh! si então pouco distante
Distingue as vozes de alguém,
Que lhe diz: «animo, avante!
«Eu soffro e luto também...»

Seu braço recobra força,
O remo ronca outra vez;

Foge a ygara, como a corça
Pelos campos em nudez!

Mas volta depois a brisa,
E raia limpido o sol;
De novo a ygara deslisa
No transparente lençol.

Co'a procella, que se acaba
Ao temor dizem adeus,
E alegres chegam á taba,
Por entre os vivas dos seus.

—
Nós tambem no mesmo rio
Lançamos nossos bateis;
Poetas—em desafio
Alçamos cantos noveis!

A onda por ora é mansa,
Uma estrella nos conduz,
Temos n'alma uma esperança,
No olhar um raio de luz!

Ainda a inveja não brama;
Podemos antes ouvir
Muita voz que nos exclama:
«Crê na gloria e no porvir!»

No emtanto, com mão segura
 Das cordas tirando o som,
 Nos lembremos que—ventura—
 Não traz a lyra por dom.

Que Deus, fadando o poeta,
 A fronte beija-lhe e diz:
 «Terás a vida inquieta,
 «E quasi sempre infeliz!»

Que a onda succede a vaga,
 Que envolve-se a luz em véu,
 Que a esp'rança n'alma se apaga.
 Bem como a estrella no céu.

E quando alguém nos affronte,
 E a turba, dando-nos fel,
 Engrinalde nossa fronte
 De espinho em vez de laurel;

Então, na luta sublime
 Entremos sem medo algum;
 A mutua voz nos anime,
 E seja a gloria commum!

Então surjamos altivos,
 E lançemos ao redor,

Do olhar—lampejos mais vivos,
Da lyra—canto melhor!

Embora a turba resista,
Ganhemos nosso lugar;
Generosos dando vista
A quem quizer nos cegar!

Façamos nectar divino
D'essas gotas de amargor!
De cada gemido—um hymno,
De cada espinho—uma flor!

Cantemos! do peito enfermo
Erguendo mais alto a voz,
Que desta luta no termo
Um premio teremos nós!

Padeçamos! e nossa alma
Na magoa se apure assim!
Poeta! dobrada palma
Havemos colher emfim:

Da poesia pelas flores
—Um louro no mausoléu;
De nossa alma pelas dores
—Os puros gozos do céu!

Recife—Setembro—1855.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

UM AMOR!

Eu sinto a fronte palpitar de idéas,
Eu sinto o peito palpitar de ardor!
O que me falta, pois? o que preciso?
Um amor!

Um amor, um amor de virgem bella,
Cheia de mocidade e de pudor!
Eu só procuro, só desejo e quero
Um amor!

Não permittas, meu Deus, que triste passe
De minha juventude toda a flor,
Sem que ao menos inspire e sinta e goze
Um amor!

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SUPPLICA.

Est-elle bien loin, la vierge, où donc est-elle,
Qui pourrait ranimer cette lampe immortelle?
Sainte Beuve. J. Delorme

Desgraçado do homem, que morre sem ter amado!
Desgraçada da taça, que se quebra sem ter saciado
alguma sêde.

Rückert.

O anjo da desgraça me ennevôa
A fronte, em que de espinhos a corôa,
Na quadra do sorriso, vem depôr;
Mas a nevoa, que tudo me escurece,
Rareal-a, Senhor! talvez pudesse
Um santo amor!

Duas lousas encerram minha infancia!
(Nem grande vai entre ellas a distancia)
São as lousas queridas de meus pais!..

E fiquei só no mundo, e o céu escuro
Sinistro me annuncia no futuro
Horriveis vendavaes!

Pois na vida deixaste-me sósinho,
Dá-me um anjo, que aponte-me o caminho,
Dá-me, Senhor! um só dos anjos teus,
Cujo olhar o viver doure e perfume,
Que sentado a teus pés certo resume
Todos os sonhos meus!

Dá-me um anjo dos teus celeste e lindo,
Que das fórmãs da virgem se vestindo,
Por entre a minha dôr venha sorrir;
E o ideal realise santo e puro,
Que sonho, que de muito em vão procuro
Nas nuvens do porvir!

Dá-me um anjo dos teus, em cujo seio
Eu possa, adormecendo sem receio,
A fronte debil repousar emfim!
No qual diffunda o amor que o peito sente,
Em cujos olhos brilhe o fogo ardente
De amor sem fim!

Cuja voz argentina me profira
Palavras com que a mente nos delira,

E os olhos vem cobrir humido véu,
 Tão doces, tão sentidas, que parecem
 Notas d'archanjo, que suaves descem
 D'um cantico do céu !

Sim! d'um anjo de amor, de luz, preciso
 Cujos olhos me dê vida, cujo riso
 Faça as dores mundanas esquecer;
 A cujos pés minha alma embevecida
 Despreze a gloria e as illusões da vida
 Com celeste prazer !

Cujo suspiro tepido desperte
 A corda que no peito jaz inerte,
 Mas que freme, esperando a vibração;
 Em cujos labios, tremulo, deponha
 Um beijo! e sorva a embriaguez que sonha
 Meu pobre coração !

Um anjo, que do amor a sêde apague.
 Em cujos braços doido me embriague
 No gozo de fervente delirar!
 Em quanto dura o sol dos quinze annos,
 Em quanto não me chegam desenganos,
 Em quanto posso amar !

Si por acaso nos futuros dias
 Instantes me reservas de alegrias,

Que me consolem do esperar cruel,
 Si da vida na taça de amargura
 Me destinas por fim, gostosa e pura,
 Uma gota de mel;

Dá, Senhor! que sedento a sorva agora,
 Do fogo viver na fresca aurora,
 Na idade do fervor e da paixão;
 Quando o futuro a mocidade azula,
 E nas veias o sangue ardente pula,
 Queimando o coração.

Oh! dai-m'o! sobre o pallido horisonte,
 Rompendo a nuvem, subito desponte
 Um astro de serena e meiga luz!
 As nevoas d'esta vida me illumine,
 E—constante pharol—o atalho ensine
 Que para vós conduz!

Surja essa virgem pura de innocencia!
 E converta-me as dôres da existencia
 N'um doce enlevo, n'um sonhar feliz;
 Venha bella de amor, como a concebo,
 Tão meiga, como a vejo de mancebo
 Nos meus sonhos febris!

No seio virginal, que o amor perfuma,
 As flores de meu peito, uma por uma,

Enlevada minha alma esfolhará;
 Cercal-a-hei de amor tão puro e terno,
 Que esse gozo dos céus immenso, eterno,
 Commigo esquecerá.

Porém, si quando tudo se reveste
 De luz e aroma, no raiar celeste
 De purpureo arrebol,
 Eu morrer, como a estrella que desmaia,
 Quando de sobre o mar, que beija a praia,
 Não se eleva inda o sol;

Quero sentir-lhe ao menos a mãosinha
 Passar tremendo pela fronte minha,
 E a voz que diz o afan !
 Quero abraçar a sombra que me foge,
 O nectar da existencia esgotar hoje,
 E morrer amanhã !

Mas, si é tudo illusão, si é minha sina
 Nunca ver uma fronte que se inclina
 E uns olhos namorados de mulher;
 Si n'um peito virgineo estes ardores
 Eu nunca hei de apagar, bebendo amores
 Um momento sequer;

Então, Senhor! retira-me do mundo

Como, sem luz, do lodaçal profundo
Passarei através?
Sem de minha alma nodoar o manto,
Quero, inda puro, murmurar um canto,
E cahir a teus pés.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

QUEM SABE? TALVEZ!

O, answer me!

SHAKSP. HAMLET. ACTO 1. SC. 10.

Existe uma virgem que o céu me destina,
Com quem delirante meu peito já sonha;
Eu vejo-a na fôrma da nuvem risonha,
Do céu nas estrellas, na flor da campina!
À noite, do bosque por entre a mudez,
Na brisa que passa por entre os palmares,
A voz bem lhe escuto que falla inda a medo...
Eu sinto na fronte seus meigos olhares!...
Quem déra-me ao peito cingil-a bem cedo!...
Quem sabe? Talvez!

E tu? nada sentes? tu nada procuras?
Nos quadros tão lindos que tu fantasias

Um dia brilhante de occultas magias,
 De amores ardentes, de infindas venturas,
 Ó virgem ! não viste, siquer uma vez ?
 Nos breves delirios, nos teus devaneios,
 Nos vagos desejos da mente inquieta,
 Que o peito te abalam, arfando-te os seios,
 Não sonhas ás vezes o amor de um poeta ?
 Quem sabe ? Talvez !

Tu sonhas; que virgem não sonha de amor
 Tu sonhas um doce viver duplicado,
 Viver como os anjos de amor exaltado,
 Viver de perfumes, de luz, como as flores,
 Que Deus como as flores e os anjos te fez;
 E uma alma formada de amor como a tua
 No mundo que habitas procuras de certo.
 Debalde . . . tua vista vacilla, fluctua . . .
 E esse ente quem sabe si existe bem perto
 Quem sabe ? Talvez !

Quem sabe si a virgem que o céu me res-
 Que pura e formosa diviso na mente,
 Que o peito me pede, que o peito presente
 P'ra quem puro, isento, fiel se conserva,
 Quem sabe si és tu ? no riso, na tez,
 Nos olhos . . . na face tão pallida e bella . . .
 Uns ares, uns visos contigo lhe noto . . .
 Nos longos cabellos . . . Quem sabe si és

Aquella a que em sonhos minha alma já voto?
 Quem sabe? Talvez!

Quem sabe? de tarde seguindo teus passos,
 O anjo dos sonhos parece que vejo,
 Meu peito palpita, e vem-me o desejo
 De, louco de amores, voar a teus braços,
 Beijar-te os cabellos, morrer a teus pés!..
 E tu não presentes, ó virgem! que eu ardo?
 E quando teus olhos de encanto celeste
 Os olhos ardentes encontram do bardo,
 No peito de virgem tu nunca disseste:
 Quem sabe? Talvez!

Ah! dize... si és tu, fugir-me não tentes,
 És tu que procuro? ah! dize, que eu creio...
 Tu flores bem frescas abrigas no seio?
 Bastantes perfumes no peito tu sentes?
 Um céu de ternura tu tens que me dês?
 Ah! falla, responde, teu dito me traga
 Um mar de delicias, de amor e ventura,
 Ah! dize-me—sim—, do peito me apaga
 A phrase terrivel, que a mente murmura:
 Quem sabe? Talvez!

BIBLIOTHECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

DEVANEIO.

É a ti que dedico toda força activa e toda
paixão; a ti sympathia, amor, adoração, deli
Goethe—Faust. 2.ª parte.

A noite vai serena, a brisa mansa
Na terra beija a flor; não se balança
Uma nuvem no céu;
Cantemos, ó minha alma, em quanto a lua
Odalisca indolente, vaga nua
Na abobada sem véu!

Não posso vel-a em sonhos, mas ao menos
Sentindo a viração e os frios serenos
Na fronte juvenil,
Quero da lyra na sonora corda

Derramar este affecto que transborda
Do coração febril.

Eu quero, no delirio que consome,
Murmurando a tremer seu doce nome,
 Passar a noite assim;
Pensando na donzella, que, innocente,
Repousa no sonhar, e nada sente
 Lembrando-se de mim.

Mas tu não sabes inda, pura e calma,
Quanto fogo de amor pôde minha alma
 Revolver e sentir;
No leito perfumado da innocencia,
És como um lago limpido em dormencia
 Os céus a reflectir.

Ella não sabe ! oh ! sim, si ella soubesse
A esperanza e o temor que me enlouquece
 E a vida me reduz,
Sua alma virginal unindo á minha,
Enchéra-me a existencia, que desinha,
 De amor, perfume e luz.

Ó virgem, si tu visses, como eu vejo,
Minha alma que não tem sonho ou desejo,
 Que não seja por ti.

O ardor febril do coração afflicto,
E, qual de louco um pensamento fito,
Tua imagem ahi !

Aqui, alem, no valle e na montanha
Tua imagem celeste me acompanha,
Do instante em que te vi;
No silencio e das festas no tumulto
Sinto perto de mim um genio occulto,
Fallando-me de ti.

Tua imagem sómente enche meus dias . . .
Fugiram de minha alma as alegrias,
Aos bafejos do amor;
Bem como da floresta, que se abraza,
Uma nuvem de pombas bate a aza,
Fugindo do calor.

E minhas noites ! virgem, não te afoites
A querel-as medir por tuas noites
Serenas, virginaes;
É um delirio, a que resistem poucos,
São desejos de fogo, e sonhos loucos,
Que não cessam jamais !

Delirante, revolve-me no leito,
Tendo a febre nos labios, e no peito
Quebrado o coração!

E procuro enganar os meus desejos
 Chamando por teu nome, e dando beijos
 Na estreita divisão *

BIBLIOTECA PÚBLICA
 DO ESTADO DO MARANHÃO

À frouxa e casta luz da lamparina,
 De teu leito beijára a alva cortina,
 Palpitante de afan,
 Abrindo-a quasi louco, não de chofre,
 Mas de vagar, tremendo, como o cofre,
 Que encerra um talisman !

E inclinando-me, emquanto ella resona,
 Tremêra n'essa fronte de Madona
 Um beijo, um beijo só !
 E si acordasse, tremula e corando,
 Eu cahira a seus pés, balbuciendo:
 «Oh ! ama-me, tem dó !

«Oh ! dá-me o teu amor ! pois enlouqueço,

* A donzella habitava uma casa contigua á do poeta.

«E, no silencio a delirar, padeco
 «Sem dizer-t'ò siquer !
 «Oh ! dize uma palavra, e dá-me vida,
 «Derramando em minha alma enfebreçada
 «Teu amor de mulher !»

E que farias tu, n'esse momento
 Contemplando meu peito sem alento,
 Minha fronte sem côr,
 Meu olhar onde luz o desvario,
 E sobre tua mão meu labio frio,
 E lagrimas de amor ?

.
 A mãosinha macia em meus cabellos
 Talvez passáras tu,
 E de meu coração cedendo ao rôgo,
 Pousáras minha fronte, ardendo em fogo,
 No collo semi-nu !

Talvez, anjo de amor, comprehendesses,
 Que o affecto que me inspiras não é d'esses
 Que a loureira produz;
 Affecto que deslumbra, mas se risca
 Em breve da memoria, qual faisca,
 Sem calor e sem luz.

Si queres que meu peito se não quebre,

Dize: Eu te amo !

.

.

.

.

Oh ! verás transformar-se de improvizo

O fogo em luz, as lagrimas em riso,

Em delicias a dôr,

Os gemidos em canto mavioso,

E minha vida se inundar de gozo,

De perfumes, de amor !

Recife—1855.

BIBLIOTECA
do
ESTADO DO MARANHÃO

EU TE AMO!

Eu te amo, virgem ! perdôa,
Perdôa, si t'ó confesso,
Não sabes quanto padeço,
Nem quanto já padeeci !
Eu te amo, virgem ! não córes,
Ah ! não córes, si t'ó juro,
Tu não sabes quanto é puro
O amor que sinto por ti.

Ha seis longos, longos mezes,
Que esta alma delira e soffre,
E como flores n'um cofre,
Em si guarda esta paixão;
E si acaso hoje se exhalla,
É que das flores o aroma,
Qual venenos a redoma,
Me rebenta o coração.

E as flores, que por orvalho
 Tiveram lagrimas tantas,
 Vê, donzella, ás tuas plantas
 Como as atiro sem dó;
 Não lhe negues teus olhares;
 Pisa-as, porém, si quizeres,
 Que aos beijos d'outras mulheres
 De teus pés prefiro o pó !

Entre ellas e ti, donzella,
 Existe toda a distancia
 Que vai da nossa fragrancia
 Á que se goza nos céus,
 Que vai do vidro ao diamante,
 Do pirilampo ás estrellas,
 De nossas rosas mais bellas
 Ás puras rosas de Deus.

Um seraphim, entre nuvens
 De perfume e de harmonia,
 N'um arroubo de poesia,
 Tuas fórmas desenhou;
 De suas flores mais puras
 Sorveste o doce racimo,
 Nem tinha fio de limo
 A lympha que te banhou.

O que os anjos têm mais puro,

De mais suave no canto,
Nas harpas de mais encanto,
No olhar de mais divinal,
Na mente de mais sublime,
Nos sorrisos de mais doce,
Em tua alma derramou-se,
Como em vaso de cristal !

Pela face d'este mundo
Teu pensamento deslisa,
Sentindo o sopro da brisa,
Que para Deus o conduz;
Não pisas nossos caminhos,
Acima d'elles te elevas,
E não sentes nossas trevas,
Porque tens comtigo luz.

Peregrina irmã dos anjos,
Teus amores não reclamo,
Só quiz dizer-te que te amo
Do que os anjos inda mais,
Mais que os santos á humildade,
Mais que ao poder os tyrannos,
Mais do que amas a teus manos,
Mais do que te amam teus pais !

Que junto a ti, sem que o saibas,
Um mancebo dia e noite

Delira, sem que se afoite
 A ter esp'ranças siquer;
 Que por ti, bella innocente,
 Uma alma aqui se consome,
 E uns labios dizem teu nome,
 O mais doce da mulher *

Que tenho zelos ardentes
 Da roseira, cujas rosas
 Tuas mãosinhas mimosas
 Muita vez colhido têm;
 Que tenho zelos do pombo,
 Em que te vi dar um beijo,
 E em minha alma ser desejo
 Roseira e pombo tambem;

Roseira—p'ra quando passas,
 Segundo tens por costume,
 As rosas de mais perfume
 Sobre a fronte te esfolhar;
 Pombo—p'ra viver de gozo,
 A teus passos sempre unido,
 Na sombra do teu vestido
 E na luz do teu olhar.

Que ás vezes, nos meus delirios,
 Ao infernal pensamento

* Maria.

De poderes um momento
Dar a outrem teu amor,
Sinto que a vista se turva
Que minha alma se enlouquece,
No labio o alento fallece,
E da fronte esvae-se a côr !

Eu te amo, virgem ! perdôa,
Perdôa, si t'o confesso,
Pois sabes quanto padeço
E quanto já padeci !
Eu te amo, virgem ! não córes,
Ah ! não córes, si t'o juro,
Tu já sabes quanto é puro
O amor que sinto por ti !

Recife—1855.

BIBLIOTECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

DSESEJO.

Eu quero ao menos, ao sahir da terra,
Deixar um écho, inda que fraco e triste,
Que diga á patria o que meu peito encerra,
O sonho ardente, que ora n'elle existe;

Que as lagrimas enxugue de meus manos,
De minha triste irmã suavise os ais;
E amar me faça... inda apesar de enganos,
Das duas... que talvez não verei mais;

Que leve a uns anjos, que encontrei no mundo,
A uns raios do Eterno, que adorei na vida,
A extrema prova do sentir profundo,
O derradeiro adeus da despedida;

E sirva a meus amigos de lembrança,
E de copia fiel do que lhes sou,

E alembre a voz d'aquelle que descança,
E que um dia soffreu, mas já passou;

E quando a noite destender seu manto,
Bem junto d'*ella* pelos ares passe,
E vá, qual nota de saudoso canto,
Tremar-lhe o peito, humedecer-lhe a face;

Contar-lhe os loucos, desvairados sonhos,
Em que a via fagueira a me sorrir,
Por entre os quadros lindos e risonhos
De gozo, amor e gloria no porvir.

O mundo abandonando e seus perigos,
Isto vos pedirei, Senhor meu Deus:
Um suspiro da patria, um ai de amigos,
E no peito viver de uns anjos teus.

Ao meu primo e amigo Raimundo Augusto de Sá.

Oh! dis, fleur, que la vie a fait sitôt flétrir,
N'est-il pas une terre, où tout doit refleurir ?

LAMARTINE.

Ella tecia, placida e fagueira,
Da vida na manhã,
Uma c'roa de flor de lorangeira,
Perfumada e louçã.

E defronte da candida donzella
Um dos anjos do céu
Suspendia no ar, aos olhos d'ella,
Das noivas o almo véu

E através d'elle, com sorrir jocundo,
O lindo seraphim,
Descobrimdo o porvir, mostrava um mundo
De ventura sem fim.

Era de lindas, variadas côres
Um magico painel:
Tantos astros no céu, e tantas flores
Da terra no vergel;

E no encantado céu, na linda veiga,
Nos astros e na flor,
Uma imagem querida, com voz meiga
Fallando-lhe de amor.

E, no peito a mãosinha, ella sorria
P'ra a donosa visão;
Nem sente que a mãosinha se resfria,
Que dóe-lhe o coração !

Pouco e pouco, bem como a linda imagem
De uma nuvem fugaz,
A magica illusão dessa paisagem
Nas sombras se desfaz.

E esse véu, que n'um crepe se converte,
Mostra a campa através,
E a c'roa virginal da mão inerte
Vem cahir a seus pés.

Treme-lhe o coração, o olhar se turva,
Nos brancos labios seus

Expira um nome caro, e a fronte curva,
Murmurando: meu Deus !

E então o anjo, que sorrindo viste,
Ó virgem, tanta vez,
Desce agora, trazendo a face triste
Envolta em pallidez:

Inclina-se, e na fronte pura e calma
Depôr-te um beijo vem,
Do involucro mortal livrando essa alma,
Que era um anjo também !

.....

Adeus, virgem, que o mundo desamparas,
Sem chamar-me sequer !
Adeus, anjo de amor, que te encarnaras
Em fórmãs de mulher !

Segue esse guia, que á mansão celeste
Alegre te conduz;
Tu voltas para o sol, donde vieste,
Puro raio de luz !

Mas lá na tua patria, onde se acorda
P'ra nunca adormecer,

Onde d'harpas ethereas vibra a corda,
Sem nunca emmudecer;

Onde soluços e tremor de pranto
Não se escutam na voz,
Porém revive mais sereno o canto,
Dos canticos após;

Onde sem nuvens resplandece a aurora,
E o riso não tem fim;
Recorda-te de quem na treva chora,
Recorda-te de mim !

Mas entre os anjos, flores sem espinho
Do jardim do Senhor,
Recorda-te de quem no seu caminho
Tem espinhos sem flor !

Adeus, virgem, que o mundo desamparas,
Sem chamar-me siquer !
Adeus, anjo de amor, que te encarnaras
Em fórmãs de mulher !

NENIA.

E in atto di morir lieto e vivace,
Dir parea: s'apre il cielo, io vado in pace.

TASSO. GER. LIBERATA.

N'este momento ultimo e supremo
Dizendo ao nosso amigo o adeus extremo,

Os olhos enxugai:

Elle passou da vida nos caminhos

Os pés dilacerando nos espinhos;

Demais... não teve pai!

Oh! sim! na infancia, do viver a aurora,

Na juventude não tiveste um'hora,

Que não fosse de dôr;

Uma esperança, que não fosse rôta,
 E na taça da vida uma só gota,
 Que não fosse amargor !

Si um dia no horisonte escuro e triste
 Uma estrella de luz brilhando viste,
 E, adorando-a talvez,
 Fitaste n'ella teu olhar contente...
 O fugaz meteóro de repente
 Nas sombras se desfez !

A arvore fatal, donde brotaste,
 Nos ramos afogou-te a fragil haste,
 Privando-a de sol;
 Mas ao sopro cruel da desventura
 Elevou-se tua alma inda mais pura
 Das magoas no crisol !

Pensando em Deus, passaste pelo mundo,
 Sem as azas manchar no lôdo immundo
 Do fetido paúl;
 Como por sobre lodaçal impuro
 Vôa a garça, esquecendo o charco escuro,
 Olhando o céu azul !

E cançaste por fim ! Então, voando,
 Foste dos justos reunir-te ao bando,
 Junto ao throno de Deus;

E ao mundo, que só déra-te veneno,
Sem pezares, com animo sereno,
Disseste o ultimo adeus!

Nada esperavas d'elle!... Si uma trança
De cabellos—te dava inda a esperança
De um amor de mulher,
Guardaste no teu peito este segredo;
Ninguem ouviu-te murmurar a medo
O seu nome siquer.

N'essa agonia, que o viver consome,
Na hora de morrer—sómente um nome
Em teus labios soou;
Era de tua mãe o nome santo,
Que tua alma de filho amava tanto,
Que, chamando-a, voou.

Foi longo o teu soffrer; descança agora
Onde tudo sorri e ninguem chora,
Onde tudo é fiel;
Terás por cada dôr mil alegrias,
Por cada gota amarga, que bebias,
Mil amphoras de mel.

Como o captivo na estrangeira praia
As cadeias depõe, si o dia raia,
Que à patria o reconduz,

Depozeste no exilio um corpo frio,
 Ninho sem rouxinol, templo vasio,
 Alampada sem luz!

Sobre elle o adeus extremo te dirijo. . .
 Si o mar foi tormentoso, e o vento rijo,
 Bonança lá terás.

Da virtude seguiste o duro trilho,
 Foste amigo fiel, foste bom filho;
 Adeus! repousa em paz!

Meu Deus! si em minha vida, agora calma,
 Lançares provações, dá que minha alma
 Saia d'ellas assim!

E que um amigo sobre a minha lousa,
 Invocando teu nome, a mesma cousa
 Dizer possa de mim!

Recife—4 de Agosto de 1855.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

AO DIA 7 DE SETEMBRO.

Ao sopro dos ventos, ao som das cascatas,
Em leito pomposo, formado por Deus,
Um indio gigante, nascido nas matas,
Dormia, cercado de mil pigmeus.

De zonas ardentes e frigiditas zonas
O vasto colosso se estende através;
Repousa-lhe a fronte no immenso Amazonas,
E as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Soffria ha trez sec'los cruel pesadelo;
E a turba de insectos, pairada ao redor,
Lançara-lhe ferros, sorrindo-se ao vel-o
Co'os olhos fechados e o corpo em suor.

E as aves que gemem, as feras que rugem,
Os ventos que zunem, os proprios fuzis

Não quebram-lhe o somno ! crearam ferrugem
 Nos pulsos tão nobres cadeias tão vis !

Sorriam-se elles ! . . . sem verem que o somno
 Sómente o retinha no mesmo lugar,
 Bem como o menino reputa-se dono
 Da onça dormida que o póde tragar.

Sorriam-se elles ! . . . sem verem que aos poucos
 Nas veias o sangue fervia afinal;
 No orgulho embuçados, não viam, que loucos !
 Que a hora batia solemne e fatal.

Mas eis de repente surgiu no horisonte,
 Qual surge nas trevas brilhante pharol,
 Um dia de glorias, os valles e o monte
 Enchendo de vida, banhando de sol !

Romperam mil cantos, cessaram queixumes,
 Do trino das aves encheu-se o vergel,
 E o prado de flores, e a flor de perfumes,
 E os ramos de fructos, e os fructos de mel !

Do lago e do rio, do tigre e da pomba,
 Dos ventos nos troncos, da brisa na flor,
 Da terra, dos ares, do mar que ribomba,
 Um hymno de bençam se eleva ao Senhor !

Aos fervidos raios do sol fulgurante,
 Do hymno ineffavel ao magico som,
 Do longo lethargo desperta o gigante,
 Que excelso destino tivera por dom.

Desperta... e dos membros sacóde as cadeias,
 Qual rija borrasca das nuvens o véu,
 Qual aguia das azas sacóde as areias,
 Abrindo-as velozes nos campos do céu.

E á turba insensata, que ao vel-o se assombra,
 Atira dos labios sorriso de dó,
 Em vez de vingança prestando-lhe sombra,
 Que o sol d'esse dia tornara-os em pó!

Desde esse momento, sahindo da selva,
 As terras demanda, que um dia verá;
 Si acaso o caminho nem sempre é de relva,
 Que importa, diz elle, si avanço p'ra lá?

Si ás vezes duvida, si treme, si cança,
 Ao sol de setembro renasce outra vez
 Nos membros a força, no peito a esperança,
 E a marcha prosegue com mais rapidez.

E vendo esse dia, que tanto memora,
 Por sobre o horisonte de novo surgir,

Co'um brado espontaneo saudamos-lhe a auro
 Honrando o passado, com fé no porvir!

Oh! hoje que raia tão limpida e calma,
 Nós filhos do Indio saudemol-a nós,
 Com rosas na frente, com jubilo n'alma,
 E o riso nos labios e o canto na voz!

Saudemol-a todos! Taes dias são arcos
 Na senda que ao templo da gloria conduz,
 Nas eras passadas são fulgidos marcos,
 Que as trevas separam de enchentes de luz!

Por ella animados, com força dobrada
 Á liça da patria voemos tambem,
 Si espinho e poeira tivermos na estrada,
 Mais de uma corôa teremos além!

Corramos, lutemos, cingindo de louros
 A fronte que bate de ardor juvenil!
 Um nome leguemos aos nossos vindouros,
 Cubramos de glorias o nosso Brasil!

Unidos reguemos de nossos suores
 A planta, legado de avós e de pais,
 Seus pomos dourados, no gosto melhores,
 Os ramos vergados carregue' inda mais!

E como o guerreiro, depois da victoria,
No ganho estandarte repousa por fim;
Depois das fadigas, envoltos na gloria,
Soldados da patria, durmamos assim !

Virão nossos filhos, colhendo esses pomos
Que tornem maduros beneficos sóes,
Depôr-nos corôas, bem como as depomos
Na imagem querida dos nossos heróes.

E após venha a historia, que os feitos estampa,
Os nossos narrando com traços fieis,
E honroso epitaphio nos grave na campa,
Cercando-a de flores e novos laureis.

Recife—1855.

Si tu vieres, bella compassiva, *
Como dos troncos velhos o renovo,
Minha alma, ao morrer, talvez reviva,
Para te amar e te adorar de novo.

Vem, corre para aqui n'este momento,
Esquecendo teus pais e o teu Eugenio * !
Eu ja colhi as palmas do talento,
Comtigo colherei e'rôas do genio.

* Estes versos foram improvisados a 13 de Janeiro de 1856, em um delirio de febre, quinze dias antes da morte do poeta.

* Irmão d'ella.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SEGUNDA PARTE.

BIBLIOTECA PÚBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

IDALINA.

Enlevava-me a leitura
 (Por ventura
Pela quarta ou quinta vez)
D'esse poema descrente,
 Mas potente,
Do sublime bardo inglez.

E depois de algumas horas
 Seductoras
De grata e forte emoção,
O lindo verso abandono,
 Vem-me o somno,
E o livro cae-me da mão.

Tive um sonho; e, não sei como,
 N'elle tomo

A figura de Dom Juan,
 E cingia delirante
 Minha amante,
 Beijando-a do amor no afan.

Beijando-a louco!... e desperto!
 Vejo perto,
 E o riso no labio seu,
 O anjinho mais buliçoso
 E mimoso
 Que nos tem vindo do céu.

Vi-a; e sorrindo disse:
 «Sem que a visse,
 «Seu nome dissera já.
 «Por que fez isso, Idalina?
 «Que menina!
 «Porque havia de ser má?»

Sorrindo um pouco inda fica,
 E replica:
 «Não se póde fazer bem!
 «De toda acção meritoria
 «Eis a historia;
 «Eis o pago que se tem!

«Julguei-o co'um pesadelo;
 Não quiz vel-o

«Mais tempo soffrer assim.
 «Fez um mal o bom desejo,
 «Pois eu vejo
 «Que tirar-lhe um gozo vim.»

Eu, como sorrindo visse-a,
 A malicia

Conhecendo, respondi:
 «Tem das fadas a virtude,
 «Não se illude;
 «Que lindo sonho perdi!

«Quer que diga? foi um sonho
 «Tão risonho!...

«Dos lindos sonhos a flor.
 «Vi um anjo meigo e lindo,
 «Que, sorrindo,
 «Murmurava: és meu amor!»

Eu bem vi tremer-lhe o peito,
 De despeito

Morder o labio gentil;
 Arfou-lhe o collo de garça,

 Mas disfarça
 Com travessura infantil.

Quasi alegre balbucia:

 «Quem dizia

«Eu não quero amor nenhum,
 «Porque julgo (mentiroso!)
 «Não ser gozo,
 «Pois é gozo tão commum!»

Sentindo, contra o costume,
 O azedume
 N'essa voz de puro mel,
 Exclamei: «De ouvir acabe;
 «Pois não sabe?
 «De noivo lhe dei o anel!

«E, como no sol as flores,
 «Nos amores
 «A vida bebemos nós!»
 Quiz fallar, murmura: «Nunca....»
 Mas lhe trunca
 Um soluço a fraca voz.

E dos olhos de Idalina
 Cristallina
 Cae a lagrima por fim,
 Como a perola que rola
 Da corolla
 Do cheiroso bugarim.

Perguntei-lhe: «Porque chora?»
 Treme, córa

E diz-me: «Não sei porque...»

— «Não chore mais; eu lhe juro,

«O anjo puro

«De meus sonhos é vossê.»

No lencinho o rosto esconde,

E responde:

«É Haidéa, não sou eu;

«Que não pensa em mim, de certo,

«Nem desperto,

«Quanto mais no sonho seu!»

Eu, depois de breve pausa,

Vendo a causa

D'esses prantos virginaes:

«Idalina, por um nome

«Se consome,

«Por um nome e nada mais!

«Sim, chamava por Haidéa;

«Mas idéa

«Vossê fará de quem é?»

A palavra aqui me corta:

«Que m'importa?»

Diz, batendo o lindo pé.

Mas a folha pondo à vista

Em que o artista

Desenhara o lindo par,
 Sorrindo digo-lhe: «Veja!
 «Não se peja
 «De por tão pouco chorar?»

Levanta os olhos chorando,
 Porém quando
 Seu engano pôde ver,
 Fica rubra de vergonha,
 E risonha
 De tão subito prazer.

Com voz meiga e olhar de rola
 Diz: «Fui tola;
 «Mas vossè foi muito mau!
 «Pois bem! não dança commigo,
 «Por castigo,
 «Hoje á noite no sarau!»

— «Oh! bravo! minha Senhora!
 «Pois agora
 «O juiz tornou-se réu?
 «Um poder, segundo penso,
 «Tão immenso
 «Não têm os anjos do céu!»

Sorriu-se a linda travêssa;
 E depressa

Correu, dizendo: «Verá!»
 As tranças, correndo, solta,
 E se volta,
 Gritando alegre: «Até lá!»

E fugiu-me: como o rastro
 D'algum astro,
 As alvas roupas fitei;
 Qual si foram som divino
 D'algum hymno,
 Os seus passos escutei.

E depois lagrima pura
 De ventura
 Sentindo nos olhos meus,
 O pensamento a Deus mando,
 Murmurando:
 «Eu te agradeço, meu Deus!»

II.

—«Peço...» E como quem não ousa:
 «Si uma cousa
 «Eu pedir-lhe, vossê faz?»
 —«E ainda pergunta? Acabe;
 «Pois não sabe
 «Que farei, si fôr capaz?»

—«A historia d'essa donzella...

«Sabe?... *aquella!*...

«Que me conte pedirei.

«Mas conte factó por factó,

«Seja exacto.

«É muito linda, já sei.»

—«Curiosa!.. por castigo,

«Não lhe digo;

«Sempre mostra que é mulher!»

Zangada, responde logo:

«Pois não rogo!

«Não diga, si não quizer.»

Calei-me, rindo. Á janella

Chega ella

Por duas vezes ou trez,

Um minuto cose ou dois,

E depois

A mim chegou-se outra vez.

Eu fingi n'esse momento

Ver attento

As tres figuras gentis;

Ella, sorrindo, inclinou-se,

Com voz doce

Murmurando: «Não me diz?»

— «Que menina curiosa!»

Côr de rosa,

Responde: «Pois não sou tal!

«Pois não rogo! que miseria!»

Muito seria

Exclama: «Pois fico mal!»

Fugia; correndo a sigo:

— «Mal commigo!

«Oh! por isso não será.

«Venha cá, eu direi tudo,

«Não a illudo,

«Direi tudo, venha cá!»

Então volta de improviso,

E um sorriso

Colorir-lhe o rosto vem.

— «Mas sómente promettendo....»

— «Eu entendo,

«Não direi nada a ninguem.»

— «Quero tel-a mais segura:

«Si não jura,

«Si não jura, então adeus!»

Replicou-me: «Que tolice!

«Já não disse?...»

«Pois bem, eu juro... por Deus!»

— «Pelos mares do Levante
 «Ilha ovante
 «Surge, qual sonho de amor.
 «Ahi tudo é, por encanto,
 «Luz e canto,
 «Vêrdura, perfume e flor.

«Mas a maior maravilha
 «D'essa ilha
 «É uma grega gentil,
 «De sublime formosura,
 «Meiga, pura,
 «E de porte senhoril.

«Dos olhos negros a chamma
 «Se derrama
 «De seus cilios através;
 «Possue cabellos castanhos,
 «E tamanhos
 «Que, soltos, beijam-lhe os pés.

«Porém pintal-a!... que louco!
 «Fôra pouco
 «O genio de Raphael.
 «Escute, dou-lhe um conselho,
 «Tome o 'spelho,
 «Poderá vel-a fiel.

Ella com modo faceiro:

«Lisongeiro!

«Sempre assim o conheci.

«Mas vamos. . . Esse ente raro. . .

«Pois é claro

«Que a historia não pára ahí.»

— «Um dia que pela praia

«Co'uma aia

«Tinha vindo divagar,

«Distinguem n'aréa um vulto,

«Meio occulto

«Nas ondas frias do mar.

«Chegando, vé'm sem vestidos,

«Sem sentidos,

«Pallido moço no chão.

«Ao vel-o tão lindo e joven

«Se commovem;

«Como não ter compaixão?

«Em pelles e roupa enxuta,

«N'uma gruta

«Deixaram Dom Juan dormir;

«E no outro dia mui cedo,

«Em segredo,

«Não faltaram de ahí vir.

«Encontraram-no dormindo.

«Era lindo

«Aquelle moço Dom Juan!

«Haidéa junto a seu leito

«Sente o peito

«Bater-lhe com mais afan.

«O joven do leito á borda,

«Quando acorda,

«Vê, qual sonho, essa mulher.

«Seu pasmo, sua alegria,

«Quem diria?

«Imagine, si puder.

«Cheios de vida e belleza,

«Sem defesa

«Contra tantas seducções,

«Como ao iman se une o aço,

«N'um abraço

«Uniram seus corações.

«Dias depois, terra e ares,

«Céus e mares

«Eram flor, musica e sol;

«Passeava a linda grega,

«De amor cega,

«Pelo braço do hespanhol.

«Ella estava radiante,

«Vendo o amante

«Todo á moda oriental.

«Ella bella !.. bella !.. bella !

«Como ella

«Elle bello sem rival!

«O peito d'ambos palpita;

«Ella fita

«Os olhos no amante seu,

«Cujo braço, qual serpente,

«De repente

«A cintura lhe prendeu.

«Fartando o mutuo desejo,

«N'um só beijo

«Sorveram até o fim

«O que ha de gozo profundo

«N'este mundo!

«Oh! que beijo!... foi assim!»

Do que a palavra mais presto

Foi o gesto.

Em seus labios de roman

Dei um beijo delicioso,

Mais gostoso

Do que o beijo de Dom Juan!

Deixa logo o riso brando,

Exclamando:

«Eu vou contar a papai!»

—«Idalina, e o juramento?»

«N'um momento,

«Por um só beijo se esvai?»

Desde esse dia até hoje

Ella foge

De ouvir-me contos iguaes;

P'ra contal-os insto agora:

«Vá-se embora!»

Diz-me sempre, «Nunca mais!»

MEUS NAMOROS DE OLINDA.

(Episodio da vida de um calouro.)

A MEU TIO CASSIO ANTONIO DA COSTA FERREIRA.

Meus namoros de Olinda são flores,
Que desmaiam, cahindo no chão,
Sem gozarem do sol os ardores,
Desfolhadas ainda em botão;

São quaes nuvens, que o espaço percorrem,
Desenhando ligeiras imagens;
Esperanças, que nascem e morrem;
No deserto do peito—miragens.

De sabão como o globo nitente,
Que brincando o menino produz,
E um momento, a vagar transparente,
Resplandece, vestido de luz;

E tão lindo boiando rutila,
 Que dirieis o reino mimoso,
 Onde sylphide aerea se exila
 P'ra viver de perfume e de gozo:

Mas em breve se perde nos ares !
 Meus namoros são todos assim !...
 Não passaram de meigos olhares
 Meus namoros de Olinda, por fim.

Mas, si todos morreram mui cedo,
 Não tiveram identica morte:
 Dois se foram de *spleen*, um de medo,
 E o melhor e final—d'esta sorte:

Faz um anno; tive uma visinha,
 Linda cousa ! um anjinho do céu !
 Si eu de casa sahia, si vinha,
 Lhe tirava, sorrindo, o chapéu.

Ao principio ficava arrufada,
 E sahia, a corar, da janella;
 Eu, porem, quando a via zangada,
 Inda achava a menina mais bella !

Pouco e pouco se fez menos brava,
 Que no peito fereza não tem;

Si eu por ella, sorrindo, passava,
 Já, corando, sorria tambem.

Venturoso de mim ! fiz de pressa
 Em seu peito progressos tamanhos,
 Que já lia mais de uma promessa
 No languor de seus olhos castanhos.

Que castellos, meu Deus ! tão risonhos
 N'essa quadra de amores não fiz !
 Eu sonhava, sonhava... Que sonhos
 De um futuro brilhante e feliz !

Oh ! sonhava o que em braços de Alcina
 Não gozara de certo Rugeiro !...
 Puz de parte lição, sabbatina...
 E dei ferias ao meu candieiro !

Eu morria de amor !... esta bola
 De tal modo a menina virou...
 (E me dizem que sou eriançola !
 Isto prova de mais que o não sou.)

No juizo fez tal desarranjo,
 Que eu pensava n'um sonho divino
 Em meus braços beijar esse anjo,
 Que em seus braços beijava um menino.

Mas um dia... e o vento era rijo,
 Triste o sol n'esse dia fatal...
 Para as aulas meus passos dirijo,
 Sem no entanto prever nenhum mal.

A dez passos da casa da bella,
 Inda menos... já quasi de fronte,
 Eu sorria, sorria a donzella...
 Quando sinto... não sei como o conte!...

Sinto gritos... Por certo não tinha
 Quem os dava a menor polidez:
 Era um d'elles «—ladrão de gallinha!..»
 E os mais todos do mesmo jaez.

Que vergonha, meu Deus! e que apuros!
 As orelhas fizeram-se brasas,
 Os meus olhos tornaram-se escuros,
 E confusas dansaram-me as casas!

Assim mesmo julguei que o perigo
 Oh! meu Deus! não passasse d'alli;
 Fiz que a historia não era commigo...
 Mas em vão! desgraçado nasci.

E romperam!... que horrivel barulho!
 Que tremendo e incançavel *estouro!*

Um berrava d'alli «cascabulho !
D'aqui outros «calouro ! calouro !»

Do «calouro» não fiz muita conta,
Pois dizia calouro sou eu;
«Cascabulho» porém !... oh ! que affronta !
Foi, confesso, o que mais me doeu.

O suor gotejava da testa,
As topadas não tinham mais cabo !
Isto ao som da terrível orchest'a,
Que os ouvidos quebrara ao diabo !

Latas, buzios, tambor, pratos velhos !...
Só se ouvindo uma idéa se faz !
Eu sentia tremer-me os joelhos...
Sou comtudo um valente rapaz.

Jamais nauta almejou star em secco,
Si naufraga inda longe do porto,
Como então suspirei pelo beco,
Que afinal consegui quasi morto !

Como fóra do buzio já fosse,
Murmurei, alimpando o suor:
«Meu namoro de certo acabou-se,
«E que pena ! no ponto melhor.

«N'este genero é pura fumaça
 «Tudo quanto um calouro projecta!»
 E assim foi; que, por minha desgraça,
 Desta vez fui terrivel propheta.

Desde ess'hora de triste lembrança
 Não fez ella mais caso de mim;
 E um namoro de tanta esperança
 Tão sem graça finou-se-me assim.

Ah! ingrata! que amante perdeste!
 P'ra castigo isto mesmo te basta.
 Não sabias que peito era este,
 Que de louca, sorrindo, quebraste!

Tua imagem continha tão fixa,
 Tão constante, ó donzella, e fiel,
 Que arriscou-me a dar mais d'um *espicha*!...
 Porém nada moveu-te, cruel.

Em passando por lá, si acontece
 Que meus olhos nos seus inda ponha,
 Faz um momo, e dizer-me parece:
 «Cascabulho, meu Deus! que vergonha!»

Nunca mais, ao depois d'essa esfrega,
 Quiz saber de namoro nenhum;

E o calouro, que n'isto se emprega,
Vou jurar, não tem senso commum.

De que servem mil sonhos tão bellos,
Em que fada invisivel procura
Illudir-nos, formando castellos,
Povoados de tanta ventura;

Si do buzio o troar leva o sonho,
E derriba o castello no pó,
Como outr'ora estampido medonho
Fez por terra cahir Jericó?

Quando agora, por mero pagode,
Prego estouros, pois sou semi. . . .
Este aperto á memoria me acode,
E repito, fumando um charuto:

Meus namoros de Olinda são flores,
Que desmaiam, cahindo no chão,
Sem gozarem do sol os ardores,
Desfolhadas ainda em botão.

Olinda--1854.

AMOR E NAMORO.

I.

Amor é vinho forte, em que se apanha
Dessas bruégas de cahir no chão;
O namoro é um calix de champanha,
Que nos torna alegrete o coração.

Amor, amigos, é clarão que offusca,
Fogueira alimentada com resina;
Namoro é luz suave que se busca,
Como aquella que expande a lamparina.

Amor é duro tronco que se aferra,
Entranhando no chão forte raiz;
Namoro é linda rosa á flor da terra,
Que si abandona, se perdeu o matiz.

Um, trazendo no olhar o desvario,
 Aparece com ar de mata-mouro;
 O outro á vista do pau tem calafrio,
 Faz uso da canella, estima o couro.

Um pula muros e barrancos salta,
 Levando quedas que lhe são fataes;
 O outro anda com cautela; é um peralta,
 Que em ratoeiras não cahiu jamais.

Um, ás vezes cordeiro, ás vezès bruto,
 Ora vive a bramir, ora prostrado,
 O outro toma café, fuma charuto,
 Calça luva, é rapaz civilisado.

Um, soberbo e feroz, é-lhe preciso
 Prantos que ver e flores que esfolhar;
 Para o outro, porém, basta um sorriso,
 Um aperto de mão e um breve olhar.

II.

Agora, meu leitor, ouvir-vos quero;
 Deste meu parallelo que dizeis?
 Preferindo a qualquer, sêde sincero,
 Confessai que o namoro é quem dá leis.

Eu sou franco: namoro, eu te prefiro!
 Dás que fazer do proximo á rabeça;
 Mas não jogas cacete, não dás tiro,
 Nem fizeste a ninguem levar a breca.

Illuminas a vida um breve instante,
 Sem consequencias nos trazer por fim;
 És perfume da vida do estudante,
 E remedio especifico do *spleen*.

Fazes d'uma criança um Lovelace,
 Fazes criança tola d'um marmanjo;
 Fazes que a feia por soffrivel passe,
 E que passe a soffrivel por um anjo.

Por isso quem domina és tu, namoro,
 Tanto no homem, como na mulher;
 Embora grite o pai—é desaforo!
 Embora ralhe a mãe quanto quizer.

Hoje mais do que nunca estás na moda;
 Não ha cabeça ahi de gente limpa
 Que não tenhas já feito andar á roda,
 Como ao sopro do vento a leve grimpa.

E ao passo que amor já não ataca,
 N'este tempo ao dinheiro só fiel,

Os peitos escondidos na casaca,
Como outr'ora os cobertos de burel;

Tudo, tudo trabalha em tua vinha,
O seculo contigo sympathisa;
Todo velho, rapaz, bruxa e mocinha
Tem tomado—namoro—por divisa.

O GONDOLEIRO.

(Delavigne)

AO MEU AMIGO ANTONIO MARQUES RODRIGUES.

«Ah! conduz-me, gondoleiro,
«Até Rialto, diz ella,
«O meu collar te offereço,
«E a sua pedra é tão bella!»
Mas soffreu uma recusa:
—«É mui pouco o que me dais,
«Para entrar na minha gondola;
«Não, Gianetta, eu quero mais.»

«Escuta; sei um *lamento*,
«Hei de cantal-o, diz ella,

«No caminho do Rialto;
 «Não ha musica mais bella!» .
 Mas soffreu uma recusa:
 —«Um lamento! e desejais
 «Que vos deixe entrar na gondola!
 «Não, Gianetta, eu quero mais.»

Na mão sustendo o rosario,
 «Olha si o queres, diz ella,
 «Pelo bispo elle foi bento,
 «E a sua cruz é tão bella!»
 Mas soffreu uma recusa:
 —«Que! um rosario! e julgais
 «Que entrareis na minha gondola?
 «Não, Gianetta, eu quero mais.»

Pelo canal, entretanto,
 Remando o vi junto d'ella,
 E olhal-a terno e sorrir-se.
 Que tinha dado esta bella?
 Saltou corando e confusa;
 Elle, de fraude incapaz,
 Pulou de novo na gondola
 E não pediu nada mais.

1854.

Fragmento.

Es sind nicht Schatten, die der Wahn erzeugt;
Ich weiss es, sie sind ewig, denn sie sind.

Goethe—Tasso.

Sombras não são, que a fantasia gera;
Bem o sei—são eternas, porque são.

Em um dos suburbios da bella cidade,
Que n'agua se mira com tanta vaidade,
Do Norte os amores, a inveja do Sul,
Aonde de ha muito que a gente é guerreira,
Os côcos são doces, a brisa fagueira,
E os ares tão puros, e o céu tão azul;

Se eleva uma casa faceira, elegante,
O rio encarando, que pouco distante
Lhe passa, levando tributos ao mar;
Do lado tem grade pintada de côres,
Que encerra diversas especies de flores,
Que o ar que respira lhe vem perfumar.

Em uma das muitas de suas janellas,
 Gozando da tarde tão linda, d'aquellas
 Que apenas se mostram no nosso Brazil,
 Um moço se via de rosto moreno,
 O olhar espraçando no céu tão sereno,
 De corpo delgado, de modo gentil.

Bem preto e annelado tinha elle o cabello,
 E a fronte podéra servir de modelo
 Áquelles que empunham o scopro, o pincel;
 Por entre os cabellos perder-se-lhe vinha
 A mão delicada, na outra sustinha
 Caderno azulado de fino papel.

Às vezes co'a vista na breve carreira
 A nuvem seguia delgada e ligeira,
 Que o sol coloria de leve carmim;
 E a mão outras vezes passando na frente,
 Co'os olhos immersos alem no horisonte,
 Por muitos minutos ficava elle assim.

Depois contemplava ligeiras canôas;
 A espuma nevada lhes ferve nas prôas,
 E, as velas inchadas da brisa do mar,
 O espelho lá cortam das aguas do rio,
 E ás vezes parellhas, ás vezes a fio,
 Um pouco inclinadas, parecem voar.

Porém n'essa fronte um véu de tristeza,
Nos olhos brilhantes não sei que incerteza,
Que claro diziam que a mente era alem,
Revelam que esta alma nos seios afaga
Imagem fagueira, que em mente lhe vaga,
Que um sonho abafado o peito contem.

Esta alma de certo no peito sepulta
Um vago desejo, um verme se occulta,
Roendo incessante, no calix da flor;
Sim, vede-o, um suspiro nos labios lhe morre,
E lagrima triste das palpebras corre,
E a face humedece de pallida côr.

.....

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SI ISTO NÃO FOSSE...

Quizera amar-te, mas temo
Que, si te amar com extremo,
Não me venhas a trahir;
É melhor não ter amores
Que depois padecer dores,
Que o ciume faz sentir.

Amas um dia, e depois,
Em vez de um só, queres dois,
Pois gostas de variar;
E eu, que sou tão ciumento,
Oh! que terrível tormento
Que houvera de supportar!

Donzella, si isto não fosse...
Tens um sorriso tão doce,

Nos olhos tal seducção,
Que eu sentira um prazer vivo
Em confessar-me captivo,
Em dar-te meu coração!

Mas assim... não posso amar-te;
Nunca, nunca terás parte
N'este meu peito... Porém,
Si mudares por ventura,
Dar-te-hei toda a ternura,
Todo o amor que elle contem.

Recife—Janeiro—1855.

Laura.

Pode ser que alguém te conte,
Minha Laura, que te amei,
Que teci p'ra tua fronte
Grinaldas, que perfumei.

Tua imagem no meu seio
Afagar não quero mais;
Ó Laura, tenho receio,
Porque as Lauras são fataes.

Não sou Deus, para universos
Depôr-te às plantas, mulher!
Não tenho c'rôas, monarca,
P'ra dar-te c'rôas siquer;

Mas, sagrande-te meus versos,
Minha vida e meu amor,
Poderei ser teu Petrarca,
Minha Laura, minha flor.

Eu não te encaro, donzella, *
Mas tu não sabes porque;
D'aquella verde janella
Talvez a inveja nos vê.

Si divisarem ternura
De teus olhos no fulgor,
Em tua fronte tão pura
Quererão nodoas depôr.

E eu, que te amo e te venero,
Como a Deus um seraphim,
Não quero, virgem, não quero
Que tu padeças por mim.

Si meus olhos encontrares,
Os olhos porei no chão;

* Esta poesia foi um improviso.

Apenas breves olhares
Te dirão minha paixão.

Nosso amor, nossos extremos
Ninguém conheça ao redor;
Amemos, virgem, amemos
Em silencio, que é melhor.

Recife—1855.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Clarão, teus olhos fagueiros, *
Teus lindos olhos, Clarão, *
São dois sujos candieiros,
Que allumiam o *beco escuro* *
De meu triste coração.

Recife—1855.

* Este pequeno epigramma foi também um improviso.

* Uma visinha conhecida por CLARINHA, mas a que o poeta chamava CLARÃO, por ser velha e feia.

* A casa do autor e a da visinha davam para um beco, chamado—BECO ESCURO.

Palavra, meu Gentil, que estou massado. *
Fallar em testamento lacerado,
Sem ter dos semelhantes compaixão !
Fallar em testamento que se risca,
Quando se pensa na menina arisca,
Que nos tem lacerado o coração !

O nosso velho ás vezes me semelha
Rei dos carranças, e a cadeira throno;
Mas ás vezes tambem
Em vaso enorme uma papoila velha,
Que fantastica falla, e expira somno
Por quanto póro tem.

1855.

* Estes versos foram improvisados na aula de Direito Civil, e escriptos no
compendio de um collega—o Dr. Gentil Homem de Almeida Braga.

SONETO.

AS VISINHAS.

N'esta rua do Aterro mil visinhas
Não querem que um rapaz terceiro annista
Estude o Criminal, passe uma vista
D'antiga Ordenação por sobre as linhas.

Ha duas sobretudo... (são as minhas)
Estudante não ha que lhes resista!
Quer queira, quer não queira, vai p'ra a lista
Dos prestaveis *perús* das bonitinhas.

Combati... fiz o esforço derradeiro!
Longe dos litigantes, entre flores,
Não hei de ser Doutor, sou jardineiro.

Que vida levarei! vida de amores,
Que ha de ter afinal por paradeiro
Tres RR dos satanicos Doutores!

Recife—24 de Maio de 1855.

SONETO.

A SABBATINA.

Apre! não posso mais, que sabbatina! *
Nas mãos a Ordenação, compendio aberto,
Procuro objecções, mas não acérto,
E debalde a cachola se amofina.

Quando às vezes parece que se atina
E o final da massada vê-se perto,
Ligeira reflexão nos mostra ao certo
Ser asneira o que *ponta* se imagina,

E tudo para que? para ser dono
De uma carta de borra ou de um capello!
Mas por hoje os Praxistas abandono.

Fecho Rocha, Lobão, Carneiro e Mello,
Apago minha luz, pego no somno,
E *espicho-me* amanhã como um camelo.

1855.

* Este soneto foi improvisado em occasião em que o autor e alguns collegas estudavam juntos a materia de uma sabbatina.

SONETO.

A ESBELTA.

A *Esbelta*, o alvo dos suspiros nossos
É fada vaporosa, é flor das flores;
Em vez de carne, vestem-n'a vapores,
É leve a rapariga, só tem ossos.

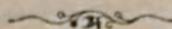
Os caniços do lago são mais grossos
Que as canellas gentis dos meus amores;
Tem nas lindas buchechas menos côres
Que a secca mumia quando sae dos fossos.

Ah! ditoso mancebo, eu te prometto
Que si hoje noivo, tremulo desmaias,
Beijando a anagoa que te encobre o espeto,

Talvez, quando marido, morto caias,
Vendo surgir o pallido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.

1855.

INDICE.



Advertencia	V
Noticia biographica	VII

PRIMEIRA PARTE.

Sonhos	1
Como é triste morrer na flor da vida	3
Criança	7
N'um album	13
Recordação.	21
Dez minutos	25
Eu a vi qual ceeste creatura	31
Minha virgem de amor, neste momento	35
A rosa e o sol	37
A filha do Loureiro	39
Melancolia	43
Morte dos Girondinos.	45
Arrependimento	47
No album do meu amigo Pedro de Calasans.	49
Um amor!	55
Supplica.	57
Quem sabe? Talvez	63
Devaneio	66
Eu te amo!.	73
Desejo	79
Ao meu primo e amigo Raymundo Augusto de Sá	81
Nenia	86
Ao dia 7 de Setembro	89
Si tu vieres, bella compassiva	95

SEGUNDA PARTE.

Idalina	99
Meus namoros de Olinda.	113
Amor e namoro	121
O Gondoleiro	125
Fragmento	127
Si isto não fosse	131
Laura	133
Eu não te encaro, donzella	135
Clarão, teus olhos fagueiros.	137
Palavra, meu Gentil, que estou massado.	139
Soneto— <i>As visinhas</i>	141
Soneto— <i>A sabbatina</i>	143
Soneto— <i>A esbelta</i>	145